

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

DENIS NASCIMENTO VILELA

"PRÍNCIPES E SEREIAS" - IMAGINÁRIO E MAGIA NA BARQUINHA

NITERÓI
2005

DENIS NASCIMENTO VILELA

"PRÍNCIPES E SEREIAS" - IMAGINÁRIO E MAGIA NA BARQUINHA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do Grau de
Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. GUILHERME WERLANG

Niterói
2005

DENIS NASCIMENTO VILELA

"PRÍNCIPES E SEREIAS" - IMAGINÁRIO E MAGIA NA BARQUINHA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do Grau de
Bacharel.

Aprovada em julho de 2005

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme Werlang – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Msc. Gilberto Schmütz de Gouma
Universidade Federal Fluminense

Prof. Wallace de Deus
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2005

Resumo:

Este trabalho busca analisar os aspectos mágico-religiosos e o imaginário cultural de uma religião que mistura práticas advindas do uso da ayahuaska e da Umbanda, a “Barquinha”. Uma das questões apontadas neste estudo é o processo através do qual o imaginário é manipulado “magicamente”, de modo a oferecer “respostas” a uma determinada cultura. Neste sentido, o caso da Barquinha será utilizado como um exemplo para se analisar essa magia de “tradução”. A ayahuaska e a Umbanda por sua vez, também serão analisadas como agentes que podem oferecer “pistas” esclarecedoras para muitas questões que permeiam o imaginário mágico-religioso da Barquinha. Assim, o intuito deste estudo é analisar os diferentes sistemas mágico-religiosos que “desembocaram” na construção da doutrina “A Barquinha”. Ao mesmo tempo, procura-se estabelecer relações entre as práticas ali realizadas e o imaginário da própria doutrina que as vem favorecer e complementar.

Palavras-chave: Barquinha; Umbanda; ayahuaska; Magia; Tradução; Imaginário; Natureza; Religião.

Sumário

Apresentação.....	pg. 007
Antropologia e o Daime.....	pg. 008
Metodologia de Pesquisa.....	pg. 011
1 – A Magia.....	pg. 015
1.1 – Magia e Religião.....	pg. 016
2 – Histórico da Ayahuasca.....	pg. 019
2.1 – Povos da Floresta.....	pg. 019
2.2 – Hibridismo Cultural – As “religiões ayahuasqueiras do Brasil”....	pg. 020
2.3 – Mestre Irineu	pg. 021
3 – A Barquinha.....	pg. 023
3.1 – Novas Barquinhas.....	pg. 025
3.2 – A Barquinha da Madrinha Chica.....	pg. 025
4 – Sistemas Reelaborados.....	pg. 027
4.1 – Xamanismo e Plantas-de-Poder	pg. 027
4.1.1 – Xamanismo.....	pg. 027
4.1.2 – Plantas de Poder.....	pg. 032
4.1.2.1 – Daime.....	pg. 034
4.1.3 – Xamanismo das Plantas de Poder.....	pg. 036
4.2 – Umbanda.....	pg. 037
5 – Cosmologia.....	pg. 041
5.1 – Estrutura Cosmológica.....	pg. 043
5.2 – Batalha Daimista.....	pg. 045
5.3 – Entidades.....	pg. 046
6 – Magia de Tradução.....	pg. 048
7 – Ritual – O “Trabalho”.....	pg. 052
7.1 – Trabalho de Concentração.....	pg. 053
7.2 – Trabalho em Dias de Festa.....	pg. 058
8 – Complexo Mágico da Barquinha.....	pg. 061

8.1 – Magia Umbandista.....	pg. 061
8.1.1 – Passe.....	pg. 061
8.1.2 – Plantas e Ervas.....	pg. 063
8.1.3 – Ponto Riscado.....	pg. 065
8.1.4 – Consulta.....	pg. 065
8.2 – Magia Simpática e “Simpatias”.....	pg. 066
8.3 – Concentração.....	pg. 068
8.4 – Êxtase.....	pg. 069
8.5 – Miração.....	pg. 071
8.6 – Possessão e Mediunidade.....	pg. 073
8.6.1 – Possessão na Barquinha.....	pg. 075
8.6.1.1 – Entidades de Umbanda.....	pg. 076
8.6.1.2 – Encantos.....	pg. 077
8.7 – “Umbandaime”.....	pg. 078
8.7.1 – Concentração.....	pg. 079
8.7.2 – Trabalho no Terreiro.....	pg. 081
9 – Música Mágica.....	pg. 082
9.1.1 – Salmos.....	pg. 083
9.1.2 – Pontos Cantados.....	pg. 084
9.2 – Magia de Tradução na música – “Recebimento” da Música Mágica.....	pg. 089
9.2.1 – Recebimento dos Salmos.....	pg. 089
9.2.2 – Recebimento dos Pontos Cantados.....	pg. 091
9.3 – Estrutura e dinâmica da Música Mágica	pg. 092
Conclusão.....	pg. 094
Bibliografia.....	pg. 096

Apresentação

A Barquinha, como é mais conhecida, ou Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, foi fundada por Daniel Pereira de Mattos em 1945, em Rio Branco (AC). É uma religião híbrida, com diferentes influências que giram ao redor e um elemento central, o daime. Por isso, integra juntamente com o Santo Daime e a UDV, o grupo denominado por alguns pesquisadores como “religiões ayahuasqueiras brasileiras” (Labate, 2002).

Ao longo do tempo, através de desmembramentos e dissidências, surgiram novas “Barquinhas”. Uma delas é o Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte, fundado pela madrinha Chica. Por isso, mais conhecido como a “Barquinha da Madrinha Chica”.

Este trabalho busca analisar a magia na Barquinha, bem como sua relação com o imaginário cultural da doutrina. Desenvolve também, um diálogo entre um campo mágico mais geral da doutrina (a linha original do mestre Daniel) e um campo particular (a linha da madrinha Chica).

Uma das questões apontadas neste estudo é um processo, através do qual o imaginário é manipulado magicamente, de modo a oferecer “respostas” a uma determinada cultura. Neste sentido, utilizo o caso da Barquinha como um exemplo para analisar essa magia de “tradução”. Veremos como o daime é o grande agente por trás dessa adaptação ao ambiente cultural, e também

como a Umbanda pode oferecer “pistas” que possam esclarecer estas questões na Barquinha.

Nas últimas décadas, cresceu o interesse pelo estudo dos enteógenos¹, com pesquisas sendo realizadas em diferentes ramos do conhecimento. Dentre estes estão a psicologia e a antropologia, campos que procuro explorar nesta pesquisa.

Antropologia e o Daime

Ao longo dos anos, a antropologia foi desenvolvendo uma histórica relação com o estudo dos enteógenos nas culturas. Essa troca – entre a ciência e o homem - foi tão intensa que criou modificações tanto no cenário “ayahuasqueiro” (grupos que fazem uso da Ayahuasca), como também na antropologia, transformando o modo de se entender e estudar esses fenômenos.

De fato, existem inúmeras dificuldades de metodologia ao se realizar uma pesquisa sobre os enteógenos. Uma destas indagações, por exemplo, diz respeito ao seu uso pelo pesquisador, ou seja, se é necessário que ele tome o daime para compreender e estudar o universo “daimista”.

Os primeiros antropólogos entraram em contato com a Ayahuasca nas décadas de 60 e 70, produzindo trabalhos de grande importância pelo seu pioneirismo. Alguns destes relatavam medo da bebida, outros se afastavam em nome do “distanciamento” antropológico. Ao mesmo tempo, outros

¹ Termo criado por Gordon Wasson para designar um grupo de plantas, que serviram de elo com o sagrado para determinadas culturas. Outra denominação comum é a de “Plantas-de-poder”, tendo em alguns casos ligação com o xamanismo (ver Mckenna). Um exemplo é o Daime, conhecido por Ayahuasca em muitas tribos da bacia amazônica, como os Kaxinawá.

pesquisadores foram movidos pela curiosidade, produzindo estudos no exterior nesta mesma época. Artigos e livros publicados por Gordon Wasson², dentre inúmeros outros como até o próprio Carlos Castañeda, estimularam antropólogos em todo o mundo a se voltarem para o estudo dos enteógenos.

O daime é um enteógeno que induz à uma experiência capaz de abalar a razão e questionar o real. Esse seria um fator que poderia prejudicar a posição do antropólogo, e seu papel “relativista”. Como aponta Bia Labate:

“Não há mais observação participante enquanto uma combinação de ‘observação’ e ‘participação’: há participação integral que afeta drasticamente a natureza da observação (que inclui a ‘sensibilidade’ e a ‘razão’).” (Labate, pág.19)

Por outro lado, a escolha de não se tomar o daime não significa estar livre de problemas na pesquisa, ao contrário, talvez seja um caminho ainda mais perigoso. Em nome do distanciamento, perde-se a experiência em primeira mão, e ao se afastar justamente de seu elemento centralizador, acaba se afastando também da cultura que se procura conhecer.

Nos rituais não é obrigatório o uso da bebida, mas há uma certa desconfiança com aquele que não toma. Em primeiro lugar porque o daime é considerado uma “bebida sagrada”, logo recusá-lo pode soar como uma forma de desrespeito com os valores da comunidade.

Além disso, essa postura se deve a um histórico tenso entre a comunidade ayahuasqueira, a sociedade e a mídia, marcada por desconfianças e conflitos por ambos os lados. Um bom exemplo é o relato de Senna Araújo:

“Fazia pouco tempo, alguns órgãos de imprensa haviam publicado matérias sobre a Barquinha, deturpando uma série de aspectos que diziam respeito principalmente aos rituais da casa. Além disso, um outro agravante foi o fato de um pesquisador francês ter comercializado uma fita de vídeo (segundo a versão dos adeptos) com imagens do Centro Espírita para países da Europa” (ARAÚJO, 1999, p. 21)

² WASSON, R. Gordon. Soma: Divine Mushroom of Immortality. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971.

Assim, é normal uma desconfiança inicial a respeito do pesquisador, uma preocupação do nativo (legítima aliás) para saber se aquele está a seu favor ou não. Aceitar tomar o chá ajuda a romper essa desconfiança, coloca o pesquisador em uma posição de igualdade, e desse modo abre caminhos dentro da comunidade.

Existe também, uma corrente da antropologia que busca compreender o fenômeno com uma perspectiva de “dentro para fora”. Esta orientação entende que é preciso se aprofundar nos mistérios de determinado grupo para melhor entendê-lo. Como no depoimento de Vera Fróes sobre seu trabalho junto ao Santo Daime: “Para compreender de forma totalizante esse espaço sagrado, passei por um processo de aprendizagem, ciente que só a visão de ‘dentro para fora’ pode assegurar a compreensão.” (Fróes, 1986, pg:25)

Desse modo, alguns pesquisadores se tornaram também, “iniciados” no daime, se “fardam” e passam a abrir “trabalhos”³. Podemos colocar como exemplo, o antropólogo da Universidade Federal da Paraíba, Rodrigo Grunewald, ou mesmo a psicóloga Leonor Chaves, pesquisadora “fardada”⁴ no Santo Daime, e que também abre seus próprios rituais.

Este ponto leva diretamente à uma reflexão mais geral, dos limites que devem ser estabelecidos entre ciência e religião em um estudo antropológico. Estas podem ser distintas sem serem necessariamente antagônicas, mas devem reconhecer que “...cada universo possui seu código de ética e sistema de regras próprios, que devem ser respeitados.” (LABATE, 2000, p. 08)

Dessa forma, ser “iniciado” não é, em última análise, garantia de um trabalho de qualidade. O que será decisivo é capacidade do pesquisador de se mover entre estes campos, colhendo informações mas sempre realizando um caminho de volta, colocando estes elementos em perspectiva e os analisando.

³ Expressão utilizada pelos daimistas para se referir ao seu ritual. O termo está relacionado ao espiritismo e a idéia de que assim como na terra, é preciso trabalhar no espiritual também.

⁴ A expressão “fardado” no Santo Daime é designada para aqueles que já se iniciaram na doutrina. A farda é um “uniforme” que identifica seus membros.

Metodologia da Pesquisa

A metodologia adotada neste trabalho contou com uma pesquisa diversificada. Para compreender o universo mágico da Barquinha foi preciso se voltar para alguns dos sistemas que foram reelaborados dentro da doutrina. Entre estas, busco destacar: a cultura das plantas de poder; o campo daimista como um todo; o Espiritismo; o Esoterismo e a Umbanda.

Desta forma, o trabalho avançou basicamente em duas frentes, através da pesquisa em fontes bibliográficas e pelo trabalho de campo. No primeiro caso foi preciso recorrer a teses e livros, enquanto que no segundo caso foram realizadas diversas visitas a centros daimistas, umbandistas e espíritas. Nestes, foram feitas entrevistas formais e informais, além da observação participante. O período de campo teve duração de um ano, de maio de 2004 à maio de 2005.

Na tentativa de ampliar o entendimento sobre as plantas de poder, assim como o “trabalho do daime”, foi de grande importância a aproximação junto a psicóloga Leonor Chaves⁵, elucidando diversos pontos relativos à cultura das plantas de poder e enteógenos.

No decorrer desta pesquisa, procuro também relacionar o campo mágico da Barquinha em geral ao campo particular da Barquinha da

⁵ Leonor Chaves é psicóloga Transpessoal e Jungiana. Pós-graduada pelo EICOS, com a tese “*O uso terapêutico dos enteógenos*”.

Madrinha Chica. Esta última foi meu ponto de partida, utilizando como estudo de caso a filial em Niterói – RJ. Como contra-ponto, participei também de rituais na Barquinha de Magé – RJ (filial da linha original do Mestre Daniel). O resultado é uma forma de “diálogo” entre os campos mágicos e simbólicos destas duas Barquinhas, e também com as correntes que influenciaram na formação da doutrina.

Gostaria de esclarecer que este trabalho não tem pretensões antropológicas, ainda que recorra à área e a alguns de seus autores. Este estudo é feito com base no imaginário da Barquinha, no entanto, o enfoque dado não se prende a visão nativa. Para melhor compreender este universo, busquei estabelecer paralelos com outras correntes como o Santo Daime, o Esoterismo e a Umbanda.

Por fim, talvez fosse pertinente explicitar que houve uma grande dificuldade para conseguir informações junto aos adeptos. A Barquinha é conhecida no meio daimista por seu rigor. Das grandes “religiões ayahuasqueiras do Brasil” (Labate, 2002) é a menos conhecida, e ao contrário das outras (Santo Daime/UDV), não tem um caráter expansionista.

Cronologia de Campo

Barquinha de Niterói – Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte

08/05/2004 – Trabalho do dia das mães (romaria de Nossa Senhora: 1 a 31 de maio)

13/05/2004 – Dia de Nossa Senhora de Fátima (dia dos pretos-velhos)

29/05/2004 - Comemoração de Nossa Senhora (31 de maio)

22/09/2004 – Entrevista informal com Cléia e Júlio (atuais dirigentes da casa)

25/09/2004 – Trabalho de concentração (romaria de São Francisco de Assis: 1 de setembro a 4 de outubro)

Barquinha de Magé – *Centro Espírita e Culto de Oração “Casa de Jesus Fonte de Luz”*

04/09/2004 – Trabalho de concentração (romaria de São Francisco)

18/09/2004 – Trabalho de concentração (romaria de São Francisco)

Trabalhos no consultório da psicóloga Leonor Chaves:

24/06/2004 – Trabalho de São João

16/10/2004 – Trabalho de cura

Projeto *Flôr de Jurema* – sítio etno-botânico da psicóloga Leonor Chaves:

04/09/2004 a 06/09/2004 – Trabalho comemorativo (aniversário do pesquisador)

17/09/2004 a 19/09/2004 – Trabalho com Jurema, e plantio

1/10/2004 a 03/10/2004 - Trabalho com Jurema e daime; plantio

Pesquisa em centros de Umbanda:

Tenda espírita Nossa Senhora da Piedade (considerada a 1ª casa de Umbanda do Brasil fundada por Zélio de Moraes)

27/03/2004 – “gira” de preto-velho

Centro Espírita Unidos Pela Fé (CEUF)

18/08/2004 – Entrevista com José Carlos (Ogam)

21/08/2004 – “Gira” de Exu

30/10/2004 – Festa do “povo do oriente”

1 - A magia

A história da magia se confunde com a história do próprio homem, sendo identificada como uma das principais características do pensamento em estado primitivo. Poderíamos inclusive, dizer que ela é um dos primeiros produtos culturais a surgir. Como a magia é um campo bastante amplo, procurei destacar aqui algumas conceituações. Alguns autores, como Hilário Franco Júnior, entendem as práticas mágicas como “... alterações da realidade visível graças à intervenções da realidade invisível.” (JUNIOR, 2001, p. 140). É uma alteração no sensível por meio do inteligível. Por outro lado, Frazer apresenta a magia mais como um sistema oculto de “simpatias”.

Francis Barret, em sua obra “Magus”, define a magia como um “..conhecimento que compreende toda a natureza, por meio da qual desvendamos os segredos e processos ocultos de todo o seu imenso e amplo organismo” (BARRET, 1994, p. 39). Mesmo sendo um tanto abrangente, e talvez até por isso mesmo, considero esta última mais próxima da idéia que

vou buscar desenvolver no caso da Barquinha. Talvez fosse necessário apenas acrescentar que é um conhecimento que compreende não apenas a natureza, mas também a sobrenatureza. São os processos ocultos do universo como um todo.

Dessa forma, temos os mistérios e segredos das plantas, metais, animais, influência dos astros, assim como os mistérios do próprio homem e da consciência, como a mediunidade, vidência, o êxtase, etc..

Um dos trabalhos pioneiros foi realizado por Frazer, que organizou os princípios gerais da magia, tentando postular suas bases. Observou uma categoria mais ampla que denominou “magia simpática”, um sistema onde há uma “...interação entre coisas que estão distantes umas das outras através de uma simpatia secreta” (FRAZER, 1982, p. 10). Em sua pesquisa acabou concluindo que a magia era na verdade uma grande “falácia”. Considerava que ela só existia enquanto abstração, na imaginação do feiticeiro.

Já Terrence Mckenna vira a questão ao colocar que a imaginação e a criatividade não revelam que a magia é “falsa”, pelo contrário, são os combustíveis de sua eficácia, na medida em que o “...estado crepuscular caracterizado por perda da objetividade, distorção temporal e uma tendência a experimentar leves alucinações, é nada mais do que uma desculpa para uma excitação psicodélica desabrida e sem ego.” (MKENNA, p. 116) O que Mckenna chama de estado “crepuscular” é o próprio pensamento em “estado primitivo”.

Com sua base voltada ao estudo dos processos ocultos da natureza, é fácil notar uma nítida relação entre a magia e ciência. Mesmo em seu trabalho, Frazer aproxima estas duas, afastando-as da religião. Contudo, ao longo da história, com o processo de modernização e “ocidentalização” cultural, a magia acabou perdendo sua credibilidade. Esse conhecimento ficou relegado a segundo plano, fragmentado em diversas áreas, nas chamadas “ciências ocultas” e/ou nas terapias alternativas.

1.1 – Magia e Religião

Como aponta Frazer, a magia tem relação com a ciência na medida em que não trabalha com a crença, mas sim com a “prática”. Opera através de “leis” que regem sistemas ocultos da natureza. Ao mesmo tempo, a magia também sempre esteve fortemente ligada à religião, uma vez que ambas lidam com o sobrenatural, com o oculto.

É preciso ter claro que magia e religião não são a mesma coisa, embora em diversas culturas estas estejam de tal modo interligadas que seria praticamente impossível separá-las. Lewis, ao discorrer sobre as diferenças entre bruxaria e feitiçaria já constata que: “..o que a bruxaria é (e faz) numa religião, a feitiçaria é (e faz) em outra. Portanto, a distinção cultural que tantos antropólogos resolveram enfatizar vem a ser de pequena significação sociológica” (LEWIS, 1977, p. 12).

A magia está mais associada ao “controle” de forças ocultas para objetivos específicos. Já a religião não busca um “controle”, e sim um “re-ligare”, uma transcendência, em que não há objetivos específicos, mas um estado de bem estar geral.

Essa é uma distinção mais geral entre magia e religião, pois existem diversos casos em que estas se misturam completamente. Quando a magia trabalha a serviço da religião, pode ser entendida como “magia religiosa” (Delumeau, 1978), como por exemplo no xamanismo, em que técnicas práticas são utilizadas para entrar em contato com os deuses. É também o caso da Umbanda, ou da própria Barquinha, que são sistemas que trabalham a magia dentro de toda uma organização religiosa, voltada ao divino.

Se em muitas culturas a magia e a religião se harmonizavam, por suas diferenças elas acabaram se tornando grandes rivais em outros contextos. Enquanto o Oriente e alguns povos indígenas vivenciavam uma simbiose

entre magia e religião, a hostilidade entre estas foi acentuada na cultura ocidental moderna.

Segundo Lewis: “Crença, rito e experiência espiritual: são estas as três pedras de toque da religião e a maior de todas é a última”(LEWIS, 1977, p. 09). Essa “experiência mística” tem uma forte relação com a magia, pois envolve um sentido de práxis, de “vivência” do oculto. A religião ocidental acabou se afastando da “experiência”, se consolidando cada vez mais como “crença”, fé e rito.

Esse afastamento fez o homem ocidental buscar alternativas que preenchessem esse vazio da experiência mística, o que gerou uma euforia esotérica, e o surgimento de inúmeros cursos de xamanismo, organização de “vivências”, workshops e livros. Esse fenômeno é conhecido por muitos autores como “Nova Era” (Labate, 2000).

Conforme veremos ao longo deste trabalho, a Barquinha é uma doutrina que trabalha, sobretudo, o lado da experiência mística, pelo legado do xamanismo amazônico e do uso da Ayahuasca como um veículo para o “êxtase”.

2 – Histórico da Ayahuasca

2.1 – Povos da floresta

A palavra Ayahuasca pode ser traduzida aproximadamente como “cipó dos mortos” ou “cipó das almas”. O termo se refere não apenas à bebida alucinógena, como também a um de seus principais ingredientes, o cipó *Banisteriopsis caapi*. A infusão é preparada através da associação de duas plantas nativas da região amazônica, o cipó e a folha do arbusto *Psychotria Viridis*.

Diversos povos indígenas da região amazônica, que inclui Brasil, Bolívia e Peru, utilizavam, e alguns ainda utilizam a Ayahuasca em seus rituais. Podemos citar como exemplos, tribos como as dos Kampas e dos Kaxinawás (Abramovitz, 2003), localizadas perto da fronteira com o Peru.

Ingerindo o chá, estes índios acreditam entrar em contato com o “espírito” da planta, tendo assim, visões, experiências telepáticas, contato com os espíritos antepassados, ou de animais . Vários relatos apontam ainda que alguns feiticeiros e xamãs usavam a bebida para descobrir qual era a doença de seus pacientes, e saber como tratá-la, sendo que “nas áreas nativas, a Ayahuasca é vista como um elixir de cura geral, chamada de ‘la purga’ ...sua longa história de eficaz uso xamânico foi documentada por Naranjo, Dobkin de Rios e Luna, entre outros” (MCKENNA, 1995, p. 288).

Com o tempo, surgiram formas “mestiças” do uso da Ayahuasca, como no curandeirismo amazônico, orientado por “caboclos” (Abramovitz, 2003). Os seringueiros também descobriram a bebida ao entrarem em contato com esses povos indígenas, sendo que alguns deles criaram as “religiões ayahuasqueiras brasileiras” (Labate, 2002), formadas a partir da “fusão” de diferentes culturas e influências.

2.2 - Hibridismo Cultural – As “religiões ayahuasqueiras do Brasil”

Nos períodos de decadência do ciclo da borracha, os seringueiros se deslocavam para as periferias de centros urbanos da região amazônica. Procuravam a sobrevivência em outras atividades e dessa forma acabaram entrando em contato com povos indígenas e caboclos que lhes ensinaram o conhecimento da Ayahuasca. Alguns destes seringueiros fundaram religiões híbridas, com sistemas indígenas e urbanos, fundando assim as “religiões ayahuasqueiras do Brasil” (LABATE, 2002, p. 229) como o Santo Daime, a UDV (União do Vegetal) e a “Barquinha”. Estas são as religiões “tradicionais” do uso da Ayahuasca no Brasil, pois com o passar do tempo surgiram inúmeras outras.

O Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU) mais conhecido como Alto Santo, foi fundado pelo maranhense Raimundo Irineu Serra, em

Rio Branco (AC), na década de 1930, sendo o início da doutrina do Santo Daime.

O Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, mais conhecido como a “Barquinha”, foi fundada pelo maranhense Daniel Pereira de Mattos em Rio Branco (AC) na década de 1940.

A União do Vegetal (UDV) foi fundada pelo Baiano José Gabriel da Costa, em Porto Velho (RO) na década de 1950.

O Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS) foi fundado pelo amazonense Sebastião Mota Melo, na Colônia Cinco Mil, em Rio Branco (AC), na década de 1970. Esta foi uma linha do Santo Daime criada pelo Padrinho Sebastião. É preciso ressaltar que tanto os adeptos do Alto Santo, como os do CEFLURIS se auto-denominam comunidades do “Santo Daime”.

Uma grande figura por trás desse processo foi o Mestre Irineu, tendo fundado a primeira religião ayahuasqueira do Brasil (Santo Daime), a primeira grande “tradução” do uso indígena da Ayahuasca para um universo urbano e católico. Foi inclusive pelo Mestre Irineu que Daniel Pereira de Mattos conheceu a bebida e acabou por fundar a Barquinha. Com isso, é considerado um grande mestre não só nestas duas doutrinas, mas pelo meio daimista em geral.

Pela sua importância na fundação da Barquinha, colocamos abaixo um pequeno histórico.

2.3 - Mestre Irineu

Raimundo Irineu Serra, mais conhecido como Mestre Irineu, nasceu no Maranhão em 1892. Irineu trabalhou como entregador de leite em São Luiz (MA). Integrou o movimento migratório de nordestinos para trabalhar na

extração do látex e fugir da seca no nordeste. Chegou ao Acre com 20 anos e começou a trabalhar como seringueiro. Raimundo Irineu acabou entrando em contato com comunidades indígenas e “caboclos” que utilizavam a Ayahuasca. Além disso, teve contato com a bebida através de um caboclo, Dom Crescêncio Pizango. Na década de 1920, fundou o Círculo de Regeneração e Fé (CRF) no qual havia uma espécie de hierarquia militar. Veremos mais à frente que essa noção de que o ritual envolve uma “batalha” é uma base do sistema daimista, presente na Barquinha.

Em uma experiência com a Ayahuasca, Irineu teria “recebido ordens de uma entidade que se identificou primeiramente como Clara, e depois revelou ser Nossa Senhora da Conceição ou a ‘Rainha da Floresta’” (ABRAMOVITZ, 2003, p. 30). As ordens eram para que ele fizesse um retiro na mata por uma semana, só se alimentando de aipim sem sal, chá sem açúcar e Daime.

Na década de 1930, Irineu realizava rituais públicos com a Ayahuasca, que ele passou a chamar de “Daime”, de acordo com ordens de Nossa Senhora da Conceição. Em 1945, fundou o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU), o Alto Santo. Tratou e curou muitas pessoas com o daime, inclusive o amigo Daniel Pereira Matos, a quem auxiliou posteriormente no desenvolvimento de sua própria missão.

3 – A Barquinha

O Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, mais conhecido como a “Barquinha”, foi fundado em 1945 por Daniel Pereira de Mattos, na zona rural de Rio Branco (AC).

Daniel Pereira nasceu em São Luiz (MA) em 13 de julho de 1888, e era descrito como um homem habilidoso, que desempenhava inúmeras tarefas, como barbeiro, alfaiate, marceneiro, tendo inclusive pertencido à marinha.

Mudou-se para o Acre, trabalhando como barbeiro em Rio Branco na década de 20, sendo que “Até 1945 era considerado um grande boêmio da cidade de Rio Branco.” (SENA ARAÚJO, 1999, p. 46). Nesta época, mestre Irineu frequentava a barbearia de Daniel, e tomando conhecimento que seu amigo estava com uma doença no fígado, causada pelo excesso de bebida, o convidou para fazer um tratamento. Daniel aceitou, vindo então, a conhecer e se curar com a bebida chamada “daime”.

Certo dia, ao retornar de uma festa, ainda bêbado, resolveu descansar em um lugar perto do rio. Foi então que teve uma revelação em que dois anjos desciam do céu e lhe entregavam um livro azul. Ao acordar, tratou de despejar o resto da bebida no rio.

Mesmo após o tratamento com o mestre Irineu, ao melhorar de saúde, Daniel voltou a beber. Em outra ocasião, adormeceu às margens de um igarapé, tendo um sonho que repetia a visão dos dois anjos que lhe entregavam um livro azul, e com ele, uma missão a ser cumprida.

Ao se encontrar doente mais uma vez, voltou a procurar o mestre Irineu para se tratar. Essa iniciação espiritual de Daniel, assim como a de Irineu, mostra um forte paralelo com as iniciações xamânicas descritas por Mircea Eliade, em que o aprendiz tem sonhos, visões e doenças iniciáticas, sendo que ao se curar dessa doença, o neófito se transforma em um “técnico do sagrado”.

Através do daime, Daniel teve novamente a revelação da missão que deveria cumprir, sendo assim, conversou com mestre Irineu que lhe incentivou a ir em frente, e criar sua missão. Com esse apoio, procurou um lugar na zona rural de Rio Branco para construir uma casa, e assim iniciar os trabalhos de caridade.

Nesta casinha, começou a receber “salmos”, cânticos mágicos que traziam mensagens do Astral⁶. Tratava as pessoas com o daime,

⁶ Plano intermediário entre o plano material e o plano espiritual.
Ver cap. Cosmologia.

principalmente os mais humildes da região, que vinham para procurar um homem que realizava curas, conhecido como mestre Daniel. Essas pessoas conheciam o lugar como capelinha de São Francisco, pois este é um dos padroeiros da doutrina. Essa identificação está ligada ao fato de Daniel ser um homem humilde, que pregava o valor da caridade. (Senna Araújo, 1999)

Após anos realizando esses trabalhos, mestre Daniel contraiu uma grave doença na garganta, e começou a preparar a comunidade da Barquinha para uma grande “viagem” que ele faria. Daniel acabou falecendo em 8 de setembro de 1958, e por toda uma vida dedicada à caridade, foi reconhecido como “Frei Daniel”.

Devido ao falecimento de seu líder espiritual, as relações na comunidade se alteraram, o que acabou com o tempo, criando desmembramentos e dissidências. O mesmo aconteceu no caso do Santo Daime, após o falecimento do mestre Irineu. A comunidade da Barquinha acabou decidindo que o novo presidente da casa seria Antônio Geraldo, com um mandato de 10 anos. Esse período foi marcado por uma série de conflitos sobre terras, e com o Serviço Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, querendo informações sobre o uso do daime nos rituais da Barquinha. Ao cumprir seu mandato de 10 anos, Antônio Geraldo acabou se afastando da missão, assumindo então, Manuel Hipólito de Araújo.

3.1 – Novas Barquinhas

Antônio Geraldo acabou fundando o Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos, e Maria Baiana também acabou deixando a comunidade, fundando o Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, mais conhecido como “terreiro de Maria Baiana”.

O terceiro desmembramento ocorreu na década de 90, com a saída de Francisca Campos do Nascimento, que fundou o Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte, a “Barquinha da madrinha Chica”.

Apesar de serem desmembramentos, estes centros fundados também são reconhecidos como comunidades da “Barquinha”, pois são frutos da missão maior de “frei Daniel”. Atualmente é difícil precisar o número de desmembramentos e ramificações, pois a qualquer instante um membro fardado pode sair e fundar um culto próprio, e que entenda ser uma nova Barquinha.

Esse trabalho tem como objeto de estudo, esse terceiro desmembramento que acabou criando uma pequena barquinha, a “Barquinha da Madrinha Chica”, ou *Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte*. A seguir, analisaremos mais profundamente essa reelaboração do campo mágico da Barquinha na “linha” da madrinha Chica, tomando como referência para este estudo um de seus núcleos, a comunidade localizada em Niterói (RJ).

3.2 - Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte – A Barquinha da madrinha Chica

A chegada da Madrinha Chica na Barquinha lembra mais uma vez as já citadas iniciações xamânicas. Após estar desenganada pelos médicos, apresentando “tumores por todo o corpo” (Mercante, 2002), ouviu falar de curas realizadas por Mestre Daniel e procurou-o para se tratar. Este lhe prometeu uma cura que, no entanto, viria aos poucos.

Francisca Campos do Nascimento nasceu no Amazonas em 7 de junho de 1934. Em 1957 se encontrou seriamente doente, com muita dor e chagas

por todo o corpo, tendo ido então à procura de mestre Daniel para tentar se curar.

Daniel a recebeu e iniciou o tratamento com o daime. “Chica” Gabriel, como também é conhecida, passou a frequentar os trabalhos, e se curou após 7 anos. Segundo a história contada pelos adeptos da Barquinha da Madrinha Chica, Frei Daniel pediu que a “Rainha do Mar” (Yemanjá) lhe concedesse contato com os seres espirituais. Assim, em uma miração com o daime, se apresentou para ela um “encanto”, o Príncipe Espadarte. Essa entidade se tornou seu “guia”⁷, vindo a prestar sua caridade nas “consultas” da casa.

Francisca foi um dos principais veículos mediúnicos na época do mestre Daniel, tendo continuado na missão após sua morte. Permaneceu 34 anos trabalhando na missão, passando pela gestão de Antônio Geraldo e Manuel Hipólito, acabou por se afastar e fundar o Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte.

4 – Sistemas reelaborados

⁷ Entidade ligada a um encarnado, que o auxilia em seu desenvolvimento espiritual.

A Barquinha é uma religião “híbrida”, isto é, uma religião formada a partir de diversos sistemas mágico-religiosos. A seguir analisaremos alguns destes, para melhor compreender como influenciaram na magia da Barquinha, e como diversos conhecimentos e práticas mágicas foram re-assimilados nesta religião.

Porém, é preciso dizer que estas não são as únicas correntes mágicas que convergiram na formação da doutrina. Diversos sistemas influenciaram a doutrina, como o espiritismo, catolicismo, esoterismo, etc... Como seria difícil dar conta de todos, buscou-se focar em alguns. Também não se tratam de linhas necessariamente “diferentes”, pois como veremos, elas se cruzam em muitos casos.

4.1 – Xamanismo e Plantas-de-Poder

4.1.1 – Xamanismo

O xamanismo é um fenômeno mágico-religioso, com origem na Sibéria e no centro da Ásia. Mais tarde, fenômenos similares foram observados em diversos lugares do mundo, como nas Américas e na Oceania, percebendo os pesquisadores que apesar de algumas diferenças eles mantinham uma certa “estrutura” em comum. Este sistema foi denominado como xamanismo.

O xamã é um indivíduo da comunidade tribal que desde cedo mostra sinais de uma “vocação” mística, através de sonhos, visões, e doenças iniciáticas. Recebe assim, um “chamado”, sendo que para atingir sua condição de xamã o aprendiz tem que passar por uma iniciação, um rito de passagem que acabará por transformar sua condição.

Muitas vezes essa transformação é marcada pela “doença-vocação” (Eliade, 1998), em um esquema tradicional das cerimônias de iniciação: sofrimento, morte e ressurreição. Ao propiciar sua própria cura, muda sua condição, se transforma de um homem profano em um técnico do sagrado.

Por vezes, os xamãs são colocados como sinônimo de mago, feiticeiro, ou curandeiro, mas eles são mais do que isso, são “...’eleitos’ e, como tais, têm acesso a uma zona do sagrado inacessível aos outros membros da comunidade” (ELIADE, 1998, p. 19). Assim, o xamã pode realizar em transe, viagens cósmicas, em que sua alma deixa o corpo e vai até outros planos.

Existem inúmeros magos e feiticeiros pelo mundo, que controlam forças para fins específicos, mas não são um “elo” com o sagrado, não realizam “viagens” pelo cosmo. É claro que o xamã também é conhecido pela cura, que também é uma de suas características fundamentais, mas a seu modo, um médico também pode curar.

O grande mérito de Mircea Eliade ao estudar o xamanismo, foi mostrar que o que é realmente característico do xamã são estas viagens cósmicas, ou seja, que este é um especialista no “êxtase”. Para Eliade, o êxtase é entendido na forma de “... viagens místicas realizadas por meios sobre-humanos e para regiões inacessíveis aos homens” (ELIADE, 1998, p. 199).

O conceito de êxtase é difícil de se definir por se tratar justamente da experiência mística direta, difícil de ser traduzida em palavras. Como este é um tema chave para se entender a magia da Barquinha (baseada no êxtase), iremos apontar algumas outras definições para entendermos melhor este fenômeno.

Segundo Wasson, “O êxtase em si não é nem agradável nem desagradável...Quando você se encontra num estado de êxtase, sua alma parece ser arrancada do corpo e ir embora”. (Mckenna, 1995)

Também há referências sobre o êxtase nos estudos de Allan Kardec, no “Livro dos Espíritos”, como um estado em que a alma deixa o corpo, o que

ele relaciona ao sonambulismo, mas ressaltando que “A alma do extático ainda é mais independente.” (KARDEC, 1995, p. 235).

Enquanto que para Terrence Mckenna, “...uma experiência extática transcende a dualidade, é simultaneamente aterrorizadora, hilariante, familiar e exótica.” (Mckenna, 1995).

A idéia de Mckenna me parece ser mais instigante, como um estado que relativiza inclusive o “dentro’ e ‘fora’”. Essa é uma sensação frequente na experiência com a Ayahuasca. O próprio termo enteógeno, etimologicamente remete à idéia da criação do “Deus de dentro”: Enthe = dentro; Théos = Deus; Genos = origem, nascimento.

Para atingir o êxtase, o xamã recorre a um conjunto de técnicas, o que Eliade denominou como as “técnicas do êxtase” (Eliade, 1998). Entre estas, podemos citar o uso de uma indumentária especial, a dança ritual e a “música mágica” (características estas também presentes na Barquinha). Vale ressaltar que nem todos os xamãs utilizam as plantas de poder para propiciar o êxtase. Esta é apenas mais uma técnica dentre as muitas utilizadas no xamanismo.

Relações entre a Barquinha e o Xamanismo

Para se entender a relação - e a influência - do xamanismo na Barquinha, é necessário apontar as raízes desse encontro, que estão, ligadas à criação da doutrina do Santo Daime.

Não houve uma ligação direta do mestre Daniel (fundador da Barquinha) com xamãs. Este contato foi realizado pelo mestre Irineu, como relata Senna Araújo:

“Em todos esses anos que trabalhou e viveu na Amazônia, Raimundo Irineu Serra conheceu várias sociedades indígenas que faziam o uso da Ayahuasca, entre elas os Caxinauá do Peru e do Brasil. Além disso teve contato...[com] um

caboclo que fazia uso da *Ayahuasca*, chamado Dom Crescêncio Pizango ... Foi Dom Crescêncio quem lhe apresentou a substância” (SENNA ARAÚJO, 1999, p. 40)

Este depoimento identifica duas formas de contato de Irineu com o xamanismo e a *Ayahuasca*: primeiro um contato com o xamanismo tradicional, de tribos como os kaxinawá, e segundo, um contato com a bebida através de trabalhos realizados por caboclos, uma forma de “xamanismo mestiço” (Abramovitz, 2003).

Por sua vez, Daniel Pereira recebeu esse conhecimento através do mestre Irineu, ao procurá-lo para se tratar de uma doença. Dessa forma conheceu o trabalho do daime, passando a ter “visões” e sonhos, em que recebia um “chamado” para que fundasse uma outra “linha de trabalho”. Mestre Irineu orientou espiritualmente Daniel, inclusive incentivando na fundação da Barquinha (Senna Araújo, 1999). Esta acabou incorporando essa bagagem do xamanismo em sua formação.

Existem, aliás, inúmeros trabalhos dedicados à relação entre Santo Daime (e por extensão a Barquinha) e o sistema xamânico. Fernando da Roque Couto (1989), considera existir no sistema daimista uma forma de “xamanismo coletivo”.

Tanto a Barquinha como o Santo Daime herdaram mais do que “elementos” e “práticas” do xamanismo indígena, herdaram um sistema baseado no êxtase. Eliade define o xamanismo como as “técnicas arcaicas do êxtase”. Não discordo dessa visão, apenas considero que da forma como é dita pode levar à uma má interpretação. O cerne do xamanismo não se constitui apenas por técnicas, mas um sim “sistema” baseado no êxtase. Ou seja, sem o êxtase, as técnicas e práticas perdem o sentido.

Para Mckenna, a parte “decadente” do xamanismo é exatamente a marcada por rituais exagerados e práticas excessivas. Uma supervalorização da prática, em detrimento do êxtase. Mesmo Eliade (1998) relata uma “época de ouro” dos xamãs, um passado mítico em que tinham plena ligação com o

divino e inúmeros poderes. Após essa fase, entraram em decadência. Ora, seria bastante razoável supor que esse xamã mítico tinha tal ligação com o divino e que não precisaria se apoiar no uso de tantas técnicas. Com o tempo, e a necessidade, ele precisou buscar uma série de procedimentos para facilitar esse contato, como a música e a dança. Não se trata, de modo algum, de desvalorizar as práticas rituais, e sim demonstrar que o xamanismo é um sistema em que prática e êxtase devem estar em simbiose.

Atualmente, na chamada “nova Era”, existem cada vez mais rituais e workshops com fundamentos e práticas baseados no xamanismo. Mesmo assim, parece que estes perderam seu elemento fundamental, o êxtase. Trabalham com um “esqueleto” ritual, um modelo importado, descolado não só da experiência, como também da identidade cultural dos grupos.

Por outro lado, só o êxtase não faz o xamanismo. Nem todo extático é xamã. O xamã trabalha o êxtase dentro de todo um sistema cosmológico altamente elaborado. De certo modo, poderíamos dizer que ele é um criador/organizador de cosmologias. Além do poder sobrenatural que lhe é atribuído, ele tem o poder simbólico conferido pela tribo para que possa interferir no Cosmo e realizar curas. Busquei explorar essa idéia pela sua relação com o caso da Barquinha e do Santo Daime.

A Barquinha é uma doutrina que foi “recebida” através de êxtases do Mestre Daniel. Da mesma forma, os *salmos* (canções mágicas da doutrina) são “recebidos”. Também é a partir de viagens extáticas que surgem novas instruções do Astral para a doutrina, como ocorre no xamanismo, em que através de êxtases o xamã obtém as respostas para o rumo da comunidade.

É preciso ter em mente que o xamã “recebe” muitas de suas técnicas através de viagens extáticas. Por meio de visões, ele vê um determinado instrumento musical a ser construído, ou como executar uma determinada dança ritual. É um sistema que não pode ser pensado enquanto uma estrutura fixa, ele é continuamente reelaborada nas visões do xamã.

Mais do que tentar “imitar” ou reproduzir um modelo xamânico tradicional, estas doutrinas sugaram sua idéia primordial – do êxtase trabalhado em um sistema cosmológico maior. Através de viagens extáticas é que receberam novos modelos, e não o contrário. Ao invés de simplesmente copiarem um modelo de outra cultura, por meio de êxtases receberam “respostas”, reelaboraões baseadas no imaginário local.

4.1.2 – Plantas-de-Poder

Existem inúmeras técnicas para se alcançar estados de “transe” favoráveis ao contato com o sobrenatural: preces cantadas, danças, jejuns, etc... Contudo, o uso de certas plantas, como forma de induzir a estados especiais de consciência e percepção, é provavelmente uma das técnicas mais antigas da história. Basta refletirmos que sua utilização deve ter sido “... tanto mais importante quando nos encontramos perante uma sociedade não-letrada.” (BETHENCOURT, 2004, p. 198).

Essa categoria de plantas acabou sendo denominada como “plantas-de-poder”, ou “plantas-mestre”, que algumas culturas acreditavam ser habitadas por espíritos (Groisman, 1999). São plantas alteradoras da consciência, e que provocam uma experiência poderosa do sobrenatural e do divino. Contam com diversos poderes, e com isso, diferenciados usos: auxiliam o transe, geram “visões”, vidências, curas, telepatias, viagens em êxtase, efeitos cognitivos, dentre outros. Também podemos citar a reinvenção do uso destas plantas nos centros urbanos, como na psicologia transpessoal e no teatro (Labate, 2002).

Podemos dar como exemplo de plantas-de-poder, o cacto Peyote, a Datura (erva-do-diabo), o Iboga, Ayahuasca (daime), o Cogumelo (*Amanita muscaria/Stropharia cubensis*) – mesmo não sendo propriamente uma planta

– inclusive a Cannabis e o tabaco (Mckenna, 1995). Entre os índios Marubo, “tome shãko” e “oni shãko” são os “espíritos” ou “essências” que habitam respectivamente, o tabaco e a Ayahuasca (Werlang, s/a).

Porém, existem alguns problemas no uso do termo plantas-de-poder, primeiro porque em se tratando de magia todas as plantas tem poder. Em segundo lugar, porque nem sempre se trata de uma planta propriamente, como acontece no caso do cogumelo (fungo). Em outros casos, algumas substâncias psicoativas também são encontradas em animais, como por exemplo a Rã amazônica ou Kambô (Phylomedusa Bicolor) dos índios Katukina⁸.

Um dos pioneiros no estudo das “plantas de poder” e sua relação em diferentes culturas foi Gordon Wasson, um banqueiro que se interessou pelos cogumelos, criando posteriormente a etnomicologia⁹.

Wasson em suas pesquisas observava que diversas tribos pelo mundo faziam um “uso ritual” destas plantas, um uso sagrado, como um modo de contato com os deuses. Sendo assim, criou o termo “enteógeno” para diferenciar o uso ritual (sagrado) de plantas milenares, da relação de dependência que o homem moderno mantém com as “drogas”, sintéticos criados em laboratório. Do grego, Entheo = “Deus dentro”; Genos = nascimento (Chaves, 1997). Também podemos apontar uma outra divisão: Enthe = dentro; Théos = Deus; Genos = nascimento. Essa distinção representou um grande avanço na compreensão do papel dos alucinógenos nestas culturas tribais, com uma visão menos preconceituosa sobre estes fenômenos.

Levi-Strauss escreveu um artigo intitulado *Os cogumelos na Cultura*, com base em um trabalho de Wasson. Neste, considerava o termo “enteógeno” inadequado, pois algumas destas plantas não eram só usadas com objetivo divino, mas também eram usadas para fazer o mal. Para ele, os

⁸ Tive a oportunidade de travar contato com a AKAC (Associação Katukina do Campinas), que divulga o trabalho destes índios com uma substância terapêutica, extraída da Rã ou Kambô.

⁹ Etnomicologia: estudo das relações entre o homem e o cogumelo.

alucinógenos eram “... detonadores e amplificadores de um discurso latente que cada cultura conserva, e cuja elaboração as drogas permitem ou facilitam” (LÉVI-STRAUSS, p. 238). Essa idéia tem uma forte relação com um dos pontos principais deste trabalho, a “Magia de Tradução”. E como a Ayahuasca potencializa o imaginário da Barquinha.

É preciso também, tomar o cuidado de não generalizar, como se todas as “plantas de poder” fossem iguais. Cada uma tem suas características e uma história que lhe são próprias.

4.1.2.1 – Daime (Ayahuasca)

A Ayahuasca é um enteógeno utilizado em diversas tribos indígenas da América do sul, principalmente na região Amazônica. O termo Ayahuasca é quíchua, onde “*aya*”= morte; “*huasca*”= cipó, vinha (Mckenna, 1995). Sendo assim, temos “cipó dos mortos” ou “cipó das almas”, o que mostra que o termo se refere não só a bebida alucinógena, como também a um dos seus ingredientes principais, o cipó (banisteriopsis Caapi). Este cipó/ trepadeira é rico em betacarbolinas, que não são tão psicoativas, mas funcionam como inibidores de MAO (oxidase de monoamina).

Assim, uma planta contendo DMT¹⁰, como a “rainha” (*Psychotria viridis*) utilizada pelos daimistas, que normalmente seria inativo se tomada por via oral, tem o seu DMT ativado quando combinada com os inibidores de MAO. (Mckenna, 1995)

Se por um lado a *Ayahuasca* tem uma maior identificação simbólica com a figura do cipó, inclusive tribos que só utilizam o cipó na bebida (como os Marubo), por outro, é a dimetiltriptamina (DMT) vem sendo investigada

¹⁰ A dimetiltriptamina (DMT) é um psicoativo presente na folha da “rainha”, planta utilizada no preparo da Ayahuasca. É também um composto endógeno, ou seja, se encontra presente no metabolismo humano. (Mckenna, 1995)

como o grande mistério da bebida. Isso porque o DMT quando ativado é um alucinógeno altamente poderoso, rico em visões, e mesmo assim, muito pouco agressivo ao corpo humano. Prova disso é liberação do uso religioso da Ayahuasca pelo CONFEN (Conselho Federal de Entorpecentes), após inúmeros conflitos e estudos realizados por pesquisadores (Fróes, 1986).

Mestre Irineu recebeu o conhecimento da Ayahuasca nas comunidades indígenas da Amazônia, e assim passou a utilizar essa bebida nos seus “trabalhos” espirituais. Através de uma “miração”, teria recebido o nome *daime*, que estaria relacionado á expressões como “daí-me luz”, “daí-me amor” (Abramovitz, 2003), vindo daí, o nome da doutrina: Santo Daime. Este termo também foi mantido na Barquinha para se referir ao chá, uma vez que esta nasceu dentro do Santo Daime. Por isso, ambas entendem ser comunidades “daimistas”.

Na verdade a palavra daime foi incorporada em diversos rituais, até por seus usuários da Nova Era (neo-ayahuasqueiros), devido a sua importância para o meio daimista como um todo. O nome “daime” e a figura do mestre Irineu se tornaram símbolos do sistema daimista em geral. A força desse termo foi tamanha, que podemos dizer que se espalhou por todo o Brasil, e atualmente, vem se expandindo para outros países.

Também podemos fazer uma leitura da palavra como um símbolo da “tradução” do sistema indígena para o urbano. Da Ayahuasca indígena, para o daime urbano. Mas existem casos de rituais que utilizam outros nomes, como a União do Vegetal (UDV)¹¹, que se refere a bebida como “vegetal”.

O chá é feito com dois ingredientes principais, o cipó (*Banisteriopsis caapi*) que os daimistas chamam de *jagube*, e a folha de uma planta que denominam *rainha* (*Psychotria viridis*), contendo DMT.

É necessário destacar que a Barquinha, apesar de utilizar as mesmas plantas descritas, tem um *feitio* que lhe é próprio, ou seja, um modo

¹¹ A União do Vegetal é uma das “religiões ayahuasqueiras do Brasil”, fundada por José Gabriel da Costa, em Poeto Velho (RO), no final da década de 1950. (Abramovitz, 2003)

característico de se preparar a bebida. Esse preparo também é um de seus “mistérios”, e que portanto, é restrito a um pequeno grupo entre seus adeptos.

4.1.3 – Xamanismo das plantas-de-poder

É comum encontrar o tema das plantas-de-poder associado ao xamanismo, o que nem sempre é verdade, pois “Nem todos os xamãs usam a intoxicação com plantas para obter o êxtase, mas todas as práticas xamânicas buscam provocar o êxtase” (MCKENNA, 1995, p. 32). O xamanismo é um fenômeno com características próprias, e nem sempre conta com a presença de um enteógeno. Por sua vez, as plantas de poder acabaram se constituindo como um fenômeno próprio também, sendo usadas para induzir ao êxtase, mas também em muitos outros contextos e usos variados, como por curandeiros, feitiçeiros, psicólogos, médiuns, etc..

Mircea Eliade, observou em seu trabalho, alguns casos de xamanismo que utilizavam as plantas de poder. Denominou essa modalidade como “xamanismo narcótico”, que ele considerava decadente. Eliade considerava que se um xamã não conseguia atingir o êxtase naturalmente, tendo que recorrer para isso às drogas, então sua cultura provavelmente estaria em declínio.

A visão de Wasson, e apoiada por Mckenna, era justamente o oposto, de que a presença de um enteógeno indica que o xamanismo está vivo, em plena conexão com a natureza. A fase decadente do xamanismo seria a caracterizada por rituais muito complexos e exagerados, excessos e personalidades patológicas.

Assim, a idéia de “xamanismo narcótico” seria um tanto conservadora e ingênua, pois se o xamanismo é um sistema natural, de conexão dinâmica coma natureza e seus mistérios, como entender então a relação de um xamã

com uma planta como sendo “narcótica”? A idéia de uma relação narcótica/decadente com as plantas é claramente uma visão ocidental, do homem moderno e sua atitude obsessiva perante as drogas, de dependência e vício. Alguns autores e pessoas do meio têm preferido caracterizar essa modalidade específica como “xamanismo das plantas-de-poder” (Chaves, 1997).

O fato é que o uso destas plantas acabou sendo mal visto ao longo da história, relacionadas à uma “intoxicação”, ou como prática de feitiçaria, sendo perseguido estes cultos em muitos lugares. Na Europa, o uso da *Datura* foi identificado com os rituais de bruxaria e paganismo, sendo assim perseguidos (Ginzburg, 1991). Ou os próprios cultos de catimbó no nordeste do Brasil, cujos terreiros foram reprimidos pela polícia, por utilizarem a *Jurema*¹² em seus rituais (Albuquerque, 2002).

Atualmente, o movimento da Nova Era vem resgatando o uso dos enteógenos. Muitos pesquisadores têm prestado cada vez mais atenção ao histórico destas plantas nas comunidades indígenas, seu uso ritual e sacralizado, diferente da atitude do homem moderno, de obsessão e vício. Mas é preciso que se tenha uma maior disposição, livre de preconceitos, de se tentar compreender o seu papel nestas comunidades indígenas. E finalmente, como podem oferecer “respostas” para nossa própria cultura.

Este trabalho tem como foco justamente uma destas “respostas” dadas pelo enteógeno: uma resposta ao imaginário local da Barquinha, à uma identidade local. O papel do daime na criação e reelaboração da cosmologia, e seu constante “diálogo” com o contexto experimentado.

4.2 - Umbanda

¹² A *Jurema* (*Mimosa hostilis* Benth) é uma “planta-de-poder” com forte tradição no nordeste. Utilizada em cultos afro-brasileiros como o Catimbó, e também no xamanismo, em tribos como os Kariri-Xocó.

A Umbanda é uma doutrina cercada por mistérios. É difícil falar com precisão a seu respeito, uma vez que se trata de um movimento difuso. Teve uma rápida expansão por todo o país, dando origem assim, à diversas correntes. Poderia se dizer que não existe uma Umbanda, mas sim várias Umbandas: a “Umbanda Branca”, a “Umbanda Esotérica”, “Umbanda Cruzada”, etc...

Mesmo existindo uma variedade de correntes, pode-se fazer uma divisão em duas grandes linhas de pensamento. A primeira entende a Umbanda como mais próxima das práticas africanas, estando mais ligada ao Candomblé. “Percebe-se nesta Umbanda praticada com a influência do Candomblé a explicitação de critérios estéticos, rituais que vão ter como referencial a África.” (BIRMAN, 1983, p. 91) Já a segunda está mais ligada às práticas brancas, com maior influência do espiritismo, conhecida como “Umbanda Branca”. “Os centros marcados por uma certa filiação com o espiritismo dão mais lugar às elaborações que dizem respeito à moralidade do culto, à sua face ‘branca’, através de uma ênfase toda especial na teoria da reencarnação...” (Idem, p. 91)

Em linhas gerais, a Umbanda é um movimento que surgiu do final do século XIX para o início do século XX, em um cenário de intensa miscigenação de cultos africanos, indígenas e brancos. Com o fim da escravidão (1888), os negros que tinham que esconder suas crenças religiosas agora estavam livres pra realizarem seus cultos. Além disso, o espiritismo trazido pelos Europeus também já se estabelecia com os conceitos de Allan Kardec.

Começou assim, uma grande troca cultural em rituais que incorporavam práticas indígenas, africanas e européias, os denominados “cultos afro-brasileiros”, como o Catimbó, toré, Xangôs, Culto da Jurema, Candomblés, dentre muitos outros.

Neste contexto, começaram a se manifestar entidades espirituais que se apresentavam como “caboclos” - representando a figura do indígena

brasileiro – e como “pretos-velhos” – os negros escravizados. Também passaram a surgir as entidades que se apresentam como “crianças”, completando assim, a base da doutrina umbandista.

Gostaria aqui de colocar um parêntese, pois ao colocarmos estas três entidades como o tripé da Umbanda, e presentes na Barquinha, naturalmente pode surgir uma dúvida: Mas a Umbanda não tem outras entidades? E o Exu?

É verdade que existem terreiros de Umbanda que trabalham com outras entidades, como o exu, os ciganos, boiadeiros, marinheiros, etc.. Mas o é preciso ter claro, é que não é toda Umbanda que trabalha com estas entidades. Em muitas, aliás, existe um grande receio de se lidar com elas, inclusive com o Exu. O que parece ser realmente fundamental da doutrina, e que é uma constante nas mais variadas Umbandas (salvo raríssimas exceções), é o trabalho com essa tríade (preto velho-caboclo-criança). Veremos mais a frente, como essa estrutura mágica tem estreita relação com o imaginário cultural brasileiro.

No início do século XX, a Umbanda ganhou sua grande roupagem, estabelecendo suas bases com o médium Zélio Fernandino de Moraes. Se por um lado é complicado apontar com exatidão a origem da doutrina, esse foi o grande marco inicial no meio. Mesmo com todas as diferenças entre as correntes da Umbanda, todas demonstram grande respeito pelo seu trabalho.

Em 15 de novembro de 1908, Zélio foi convidado para participar de uma mesa kardecista em Niterói (RJ). Durante a sessão, incorporou um “caboclo”, que foi entendido como um espírito sem luz pelo chefe da sessão. Sendo assim, foi logo advertido para que se retirasse. O caboclo respondeu que estava ali para simbolizar a humildade e a igualdade, deixando claro que sua condição de índio não deveria servir para diminuí-lo. Deixou a mesa, dizendo que algo estava faltando naquele culto, buscou uma flor no jardim, e a colocou em cima da mesa. (Neto, 2002) A entidade se apresentou então, como o “Caboclo das 7 Encruzilhadas”, pois para ela não haveria caminhos

fechados. A partir deste evento, Zélio funda a “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade”.

Esse foi o grande marco reconhecido pelo meio umbandista em geral. Estabeleceu as bases da doutrina como um culto simples, flexível (não há uma padronização ritualística), com ênfase na caridade e aberto a todos os segmentos sociais, econômicos e religiosos.

Após esse marco, a Umbanda entrou em uma fase de expansão, em que rapidamente se espalhou, ganhando contornos diferenciados. Como é uma doutrina flexível – não há uma padronização ritualística - pode adquirir características mais africanas, ou indígenas, trabalhar com linhas orientais, ou até mesmo misturadas com práticas de outros cultos.

5 – Cosmologia

Uma das características interessantes da Barquinha é o forte hibridismo religioso. Esse conceito é discutido em inúmeros trabalhos, em termos como *eclétismo* ou *sincretismo* religioso. O *eclétismo religioso* (SANCHIS, 1995, p. 134), é analisado no trabalho de Marcelo Simão, como sendo um “processo que funciona através de uma reaproximação, sobreposição e refundição de elementos religiosos de origens variadas, permitido atualmente pela mobilidade geográfica das pessoas e oferecimento de diversos produtos culturais”.

A idéia de eclétismo foi bastante explorada por Sena Araújo em seu livro sobre a Barquinha, para montar o conceito de *cosmologia em construção*:

“... um conjunto de práticas religiosas que tendem a formar uma doutrina específica, em que existe uma grande velocidade na incorporação e retirada de elementos simbólicos das práticas religiosas ou filosóficas que, combinadas, compõe sua cosmologia” (SENA ARAÚJO, 1999, p. 74).

Mesmo com uma gradual inserção de “novos” elementos, a Barquinha tem uma base de sustentação, já apontada por Senna Araújo, e que Simão

coloca como um “eixo central”: “... a prece, oriunda do catolicismo popular; a miração, concedida por práticas indígenas e a possessão, fruto da influência africana” (Mercante, 2002) . Apenas em relação a este último item, acho que seria melhor se referir ao trabalho de Umbanda como todo, não só a possessão. Primeiro porque a possessão não é um elemento necessariamente africano, haja vista o próprio Espiritismo. Além disso, mesmo o Santo Daime lida com possessão, mas de uma forma muito diferente. O que é realmente característico da Barquinha, e ainda mais na linha da Madrinha Chica, é a incorporação de todo um sistema de trabalho da Umbanda.

Se por um lado uma de suas características é o hibridismo, a Barquinha perde um pouco o aspecto de “mistura” pois forma um todo coerente, tem uma unidade. Não é um organismo mal costurado de referências, sem um “fio condutor”, e sim uma doutrina com bases próprias, fundamentada em um mito de grande força. É a figura mítica de uma Barca que viaja no mar, atravessando tormentas, resgatando os afogados e navegando em direção a Jesus. A imagem da Barca e do dilúvio são referências encontradas nas mais diversas culturas pelo mundo, como a Arca de Noé da tradição judaica.

Essa criação de um mito, que estrutura e dá coesão, parece ser uma peculiaridade do processo chamado pelos adeptos da Barquinha de “recebimento”. Neste trabalho analiso esse processo, e como ele trabalha com a “tradução” cultural.

Como no caso estudado por Papus, das Sociedades de Iluminados, a Barquinha se entende como uma doutrina regida pelo “alto”, ou seja, sua organização é realizada pelo plano espiritual. Um sistema cosmológico coerente, fundamentado em um mito poderoso, que teria sido “recebido” do Astral.

O “recebimento” é um fenômeno curioso, que aparece em diversas religiões, como conhecimentos e informações que são transmitidas pelos planos superiores, de “cima para baixo”.

A Barquinha tem uma ligação muito forte com a religião do Santo Daime, surgindo num contexto cultural muito similar. Com isso, apresentam um arcabouço significativo bastante parecido. Tanto o mestre Daniel, quanto mestre Irineu, eram maranhenses que foram para Rio Branco (AC). Daniel recebeu sua missão através da “linha” de Irineu, por isso, a Barquinha é como uma doutrina-filha do Santo Daime, sendo inclusive mantido o nome de *daime* para se referir à bebida. O próprio Irineu é visto como um mestre para os adeptos da Barquinha. Na formação das duas doutrinas podemos verificar a presença de elementos do catolicismo popular, do curandeirismo amazônico e do espiritismo, dentre outras, sendo que estes elementos aparecem re-elaborados em cada linha, com diferentes graus de importância.

Porém, uma das características da Barquinha que mais a diferencia das outras religiões ayahuasqueiras do Brasil, é sua relação com a Umbanda e a possessão. Essa aproximação com a Umbanda vai revelar todo um novo universo mágico, que é reformulado junto com as práticas daimistas.

5.1 – Estrutura Cosmológica

A Barquinha é uma metáfora, ou, como Joseph Campbell afirma, ao falar do mito, ela é uma “metáfora espiritual”. É uma lenda sobre uma grande viagem no mar, em uma Barca, em que é preciso enfrentar difíceis tormentas para chegar finalmente à Luz. Representa, por um lado, a história do próprio Mestre Daniel, e por outro, a viagem de cada um de seus participantes. Existe um sentido coletivo, em que todos estão no mesmo barco, e outro individual, em que cada um é um barquinho.

Sua cosmologia é organizada em três planos, conhecidos na doutrina como os “três mistérios”: Céu (Astral), terra e mar. A Barca navega por entre estes “mistérios”.

Na cultura espírita e esotérica, o conceito de “Astral” substituiu a tradicional visão católica de Céu e Inferno, que foi popularmente difundida. Não existiria um inferno, enquanto uma condenação eterna, mas sim uma área de transição, uma espécie de “purgatório”. O Astral é essa área de transição, entre o plano material e o espiritual.

O Astral é dividido nos mais diferentes níveis, do Astral Inferior (Umbral) ao Astral Superior. O “Céu” é aonde se encontram os seres divinos, já no plano espiritual e não mais no plano Astral.

Os daimistas, ao dizerem que determinada instrução foi “recebida” do Astral, estão se referindo na verdade, ao “Astral Superior”. Os mentores espirituais da casa, assim como toda sua organização espiritual, se encontram no Astral Superior.

Mesmo assim, em determinados casos ocorre a presença de entidades sem luz, do “Astral Inferior”. Um dos objetivos da casa é a doutrinação de espíritos trevosos, que precisam de auxílio. Mas é preciso deixar claro que existe uma rígida organização espiritual da casa, que dá “segurança” ao trabalho, impedindo qualquer tipo de “desordem” por parte de espíritos involuídos.

A Barquinha trabalha com quatro tipos de entidade: caboclo, preto-velho, criança e os encantos. Os três primeiros foram incorporados do panteão Umbandista. Os encantos são entidades características da Barquinha, que “auxiliam” nos trabalhos espirituais. Alguns incorporam dando consultas e passes, enquanto outros atuam somente no “invisível”. Todas as entidades são batizadas na casa, e recebem os “mistérios” da doutrina.

Podemos caracterizar a Barquinha como uma religião monoteísta, pois acredita em um Deus único, e na santíssima trindade como sua manifestação. Mas se por um lado só há um Deus, por outro existem vários “seres divinos”. Os Orixás, manifestações da divindade, por influência da Umbanda, também foram incorporados ao ritual. Alguns santos católicos também recebem local

de destaque na doutrina, tais como: São Francisco de Assis, São Sebastião, São José, São Miguel, São Rafael, o arcanjo Gabriel, Jesus, dentre outros.

Para os daimistas, um ponto fundamental é a figura de Juramidam. “De acordo com a mitologia daimista, Mestre Irineu teria recebido a patente de general Juramidam, da Rainha da Floresta, em uma miração.” (Abramovitz, 2003, pg:138) Jura é o Pai, e Midam é o filho. Desse modo, é também uma fusão do adepto com a Divindade, do Pai com o Filho.

Para Leonor Chaves, Juramidam é o Cristo refletido no daime; é a manifestação da consciência Crística na “cosmovisão daimista”. Também encontramos no meio, a forma “Mestre Império Juramidam”. É uma outra síntese, que se refere à idéia de que é um Mestre, mas ao mesmo tempo, também é um Império.

Existem também, os “seres divinos do reino de Juramidam”, entidades relacionadas ao daime no Astral, que são convocadas para auxiliar no trabalho.

Para finalizar, outro símbolo de grande importância na Barquinha é o “livro azul”. Um livro mítico, em que estão escritas as informações da doutrina. Nas primeiras visões do Mestre Daniel, um anjo lhe entregava esse livro, contendo sua missão.

5.2 – Batalha Daimista

Na “cosmovisão daimista”, o ritual é encarado como sendo uma “batalha”. É uma batalha simbólica, uma metáfora para uma guerra espiritual que acredita-se ocorrer durante o culto. Batalha que não é necessariamente de destruição, mas sim de transformação e integração.

Por um lado, se refere à luta para doutrinação de espíritos sem luz, onde o “Astral” se torna o campo desta batalha, em que os participantes lutam

juntamente com o auxílio de espíritos superiores. Estes espíritos sem luz são espíritos de pessoas com enormes carmas adquiridos (suicidas, assassinos,..), ou tão apegados à matéria que vagam pelo mundo espiritual sem se darem conta de que já desencarnaram, gerando conflitos que atrasam não só a sua evolução, como a dos outros encarnados.

É uma batalha da “Luz” contra as “Trevas”, em que esta Barquinha resgata espíritos sofredores, com a ajuda dos “encantos” e espíritos de Luz, que os encaminham para serem doutrinados, trazendo a “luz” para os que estavam perdidos.

Mas é também uma guerra interna, de nossa parte boa contra outra a má. Uma batalha travada dentro de nós mesmos, para se corrigir dos erros. Alberto Groisman coloca que é uma “... luta de desenvolvimento espiritual; de superação dos limites de um eu inferior, ligado às coisas terrenas, à satisfação das necessidades materiais imediatas e dos desejos egoístas; e de encontro com um ser superior, um eu espiritual, um eu divino”.(GROISMAN, 1999, p. 54)

Assim, é preciso enfrentar as questões internas que vem à tona com o daime, e ser guerreiro nessa jornada do desenvolvimento espiritual. Pode se dizer que “O arquétipo daimista é o do guerreiro que luta pela doutrina e pela salvação.” (Chaves, 1997).

Ao se tomar o daime, a pessoa pode resgatar questões mal resolvidas, situações que foram reprimidas, o que pode acabar induzindo o participante à uma “viagem ruim”, mas que na ótica daimista não é ruim, é apenas a revelação de uma desarmonia. É chamada pelos daimistas de “peia”, quando a pessoa passa mal durante o trabalho com vômitos, desmaios, diarréias, sensação de desespero, que se tornam verdadeiras guerras internas, travadas no ritual.

5.3 – Entidades

A Barquinha trabalha com quatro tipos de entidade: preto-velho, caboclo, criança e os encantos. Os três primeiros são a base de sustentação da Umbanda, incorporados também ao ritual da Barquinha.

O Exu é um caso bastante delicado, sendo uma das grandes divergências do meio umbandista. Conforme dito acima, a casa admite trabalhar apenas com as quatro entidades citadas, ou seja, mesmo que o Exu apareça em determinadas circunstâncias, não é uma entidade “oficial” da casa. Como essa entidade só aparece no ritual da Barquinha em exceções, optei por não entrar nesta questão. Seria necessário todo um trabalho à parte para entender a atuação desta entidade, questão já complexa no meio Umbandista.

Além das entidades citadas, *caboclos, pretos-velhos e crianças*, a Barquinha tem como uma grande característica o trabalho com os *encantos*, entidades que desempenham um papel fundamental dentro desta casa. São encantos da natureza, mistérios divinos. Estes seres são dotados de grande sabedoria e conhecimento, e ajudam no desenvolvimento dos trabalhos espirituais. O próprio nome da Barquinha da Madrinha Chica é dedicado a um encanto, o *Príncipe Espadarte*: “Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte”. Esse encanto é representado como uma fusão entre as figuras de um bispo católico (Dom Simeão) e o Peixe Espadarte. Recebe o nome de Príncipe Espadarte no mistério do mar, Príncipe Dom Simeão no mistério da terra, e Soldado Guerreiro Príncipe da Paz no mistério do céu.

Como já dito acima, estes *encantados*, surgem de três locais distintos: o Céu, a Terra e o Mar. A própria Madrinha Chica, em um relato à Luis Eduardo Luna (1995, p. 16), coloca que:

“Os *encantos* são mistérios de Deus, coisas secretas que Deus criou e para descobrir é preciso se aprofundar nos mistérios da luz. Deus de tudo criou (céu, terra e mar) logo, no céu existem grandes mistérios e, assim, na terra e no mar, que são os três mistérios onde habitam os encantos. Existem *encantos* que são transformados em peixes, sereias, botos, pedras, dragões, etc. Os *encantos* não transmitem como estão ou o que foram, mas muitas vezes o que se sabe é que estão hoje no lado espiritual da vida e do qual não vão mais voltar pela matéria. Eles estão em penitência, purificando-se até o dia do julgamento final”¹³.

6 - Magia de Tradução

Uma das principais questões dessa pesquisa é investigar um processo mágico da Barquinha, que atua “manipulando” o imaginário cultural. É um processo mágico que faz “dialogar” a experiência mística com o contexto experimentado, ou seja, ele atua “traduzindo” informações dos “planos superiores” para um imaginário específico. Por isso, nomeei esse processo de “Magia de Tradução”. O conceito de “tradução” é discutido por Stuart Hall:

¹³ Em uma consulta realizada na Barquinha de Niterói, a “Vovó Cambina” me relatou que os encantados são seres de muita luz, mais evoluídos que os próprios pretos-velhos.

“As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas tem sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas.” (Hall, 2002)

Para entendermos o conceito de “Magia de Tradução”, é necessário em primeiro lugar, entender que a Barquinha é uma doutrina que foi “recebida” do Astral. Como já vimos, este fenômeno não é exclusivo da Barquinha, ocorrendo na formação de outras religiões como o Santo Daime e a Umbanda. Os três casos citados ocorreram na primeira metade do século XX. Além disso, mesmo sendo diferentes, as três doutrinas se colocam como “recebidas” do mesmo lugar, o Astral. Seria pertinente analisar um pouco mais estes exemplos, para assim, compreender de que maneira estão ligados ao caso da Barquinha.

O Santo Daime foi uma doutrina “recebida” do Astral pelo Mestre Irineu, instruído diretamente por Nossa Senhora da Conceição. O Astral seria assim, responsável pela organização de uma “nova” doutrina a partir de sistemas diversos, como o catolicismo, xamanismo, kardecismo, influências militares, etc... Desse modo, vem do Astral uma espécie de “resposta” para um imaginário cultural determinado, neste caso o do Santo Daime. É uma “tradução” do uso da Ayahuasca indígena, adaptada para os centros urbanos.

A corrente da Umbanda Esotérica¹⁴ defende que a Umbanda foi criada a partir de um conselho no “Astral Superior”, onde foi traçado um “plano” para acelerar o processo de espiritualização do povo brasileiro, utilizando como base a identidade nacional. Essa vertente trabalha com a idéia de uma manipulação do imaginário, através do mito de criação do Brasil. Este tem grande relação com o “mito das três raças” de Gilberto Freyre: o indígena dominado (caboclo), o negro escravo (preto-velho), e o europeu (criança).

Ao mesmo tempo, o preto-velho também simboliza a sabedoria, o caboclo a coragem e a fortaleza, e a criança a pureza. Também representam as

¹⁴ Ver bibliografia: NETO, F. Rivas. 2002.

três fases da vida humana: a infância (criança), a maturidade (caboclo), e a velhice (preto-velho). Segundo o depoimento da preta-velha Vovó Maria Conga:

“Somente para situar os homens, tão carentes dessas referências, é que moldamos nosso corpo Astral em conformidade com as vossas consciências, hábitos, raças e costumes sociais, obtendo assim maior aceitação da caridade socorrista e esclarecedora em todos os meios terrenos.” (PEIXOTO, 2003, p. 115)

Por este ponto de vista, as entidades seriam reorganizações de arquétipos em “... variações regionais para facilitar o contato com aqueles que ainda traziam fortes traços culturais.” (NETO, 2002, p. 14).

Como esta é uma questão-chave neste trabalho, é importante destacar o que se entende por “imaginário”. Usando como referência o conceito de Teixeira Coelho para imaginário, temos:

“... é formado pelo domínio do arquetipal – ou das invariâncias e universais do comportamento humano- e pelo domínio do idiográfico, ou das variações e modulações do comportamento do homem localizado em contextos culturais específicos e no interior de unidades grupais”. (Coelho, 1997, pg.212)

E ainda:

“Esses dois eixos não correm paralelos mas convergem para um ponto em comum onde se dá articulação entre um e outro e a mútua determinação de um pelo outro” (COELHO, 1997, p. 213)

A Magia de Tradução atua exatamente nesse processo, manipulando e articulando o domínio arquetipal, para que se encaixe e dialogue com um contexto particular, uma situação local. São criados assim, novos mitos que se harmonizem com a cultura local, seus desejos e necessidades, como é o caso do mito do preto-velho.

A experiência do Mestre Daniel com o daime “amplificou” seu universo simbólico: de ter sido marinheiro, e de sua forte relação com o mar. Para

dialogar com essa realidade, foi formulada pelo Astral uma “resposta”, uma doutrina que viria na forma de uma metáfora, uma “Barquinha”. Dessa forma foi gerado um novo mito que desse conta desse contexto particular. É o mito de um grande barco que nos transporta, passa por fortes tempestades, mas está navegando em direção à luz e resgatando os irmãos que estão à deriva.

Esse mito pega elementos do imaginário individual do mestre Daniel, ao mesmo tempo que resgata uma idéia arquetipal, representada na figura de um barco. De certo modo, podemos ver a Barquinha como a própria história do Mestre Daniel.

Por sua vez, os “encantos” também poderiam se encaixar neste processo, com sua identidade construída a partir de símbolos desse imaginário. O Príncipe Espadarte seria uma destas construções do imaginário local, misturando a imagem de um bispo católico à figura de um peixe.

Nessa perspectiva, elementos folclóricos e do imaginário simbólico, seriam reorganizados por uma força misteriosa em *encantos*. Essa forte ligação da doutrina com o mar acabou criando *encantos* que se apresentam sob a forma de sereias, polvos, príncipes, golfinhos, etc.

Com isso, podemos observar que essa “Magia de Tradução” tem uma atuação complexa e altamente elaborada, caracterizando-se por uma linguagem poética, que utiliza metáforas, símbolos e mitos.

Este processo mágico pode ser “direto” ou “indireto”. Ele é “direto” quando vem por via do êxtase, ou seja, através de viagens extáticas esses modelos são recebidos diretamente, sem intermediários. Assim, essa Magia de Tradução “direta” estará presente nas “mirações”, nos “salmos” e nas viagens extáticas como um todo. Por outro lado, ele é “indireto” quando vem por meio da mediunidade, ou seja, são as entidades que trazem estes modelos do Astral, existindo, portanto, um intermediário. Dessa forma, a Magia de Tradução “indireta” estará presente na própria representação das entidades ou mesmo nos “pontos cantados” ensinados por elas.

7 – Ritual – O “Trabalho”

Na Barquinha, assim como em outros centros espíritas, o ritual é denominado “trabalho”, de *trabalho espiritual*. Esse termo guarda relação com a própria noção de trabalho na vida cotidiana, de esforço, só que voltado para o mundo espiritual. Para os daimistas é preciso, por um lado, “se

trabalhar” (buscar a evolução espiritual), e por outro, “trabalhar” para o coletivo (através da caridade).

No Centro Espírita e Obras de Caridade Príncipe Espadarte, existem diversos tipos de trabalho, mas mesmo assim, podemos perceber dois grandes grupos: o trabalho de concentração, e os dias de festa. Os trabalhos de concentração são realizados todos os sábados, são cantados os salmos na igreja e não há o “bailado” (dança ritual). Os dias de festa seguem um calendário específico da doutrina, com as festividades dos santos católicos e datas especiais da comunidade. Nestes dias, além dos salmos cantados na igreja, é realizada uma segunda parte no terreiro, onde ocorre o bailado. Por diversas vezes, eles mesmo se referem a esta parte como sendo uma “gira”¹⁵, pela sua semelhança com o trabalho de Umbanda, em que também são executados “pontos cantados”. Mesmo assim, tem todo o universo característico da Barquinha.

Na verdade, esta divisão em duas formas de trabalho serve mais como forma de ilustrar momentos distintos na doutrina, pois um trabalho nunca é igual ao outro. Certos rituais “trabalham” questões específicas, como por exemplo, no dia de São Francisco de Assis há uma ênfase no aspecto da caridade. Ou o trabalho do dia das mães, que como veremos mais a frente, teria um paralelo com a psicanálise, tratando a questão da “mãe” (ver Trabalho do dia das mães). Com isso, todo trabalho terá uma característica própria, dependendo do dia, se está sendo feita alguma romaria, ou se é homenagem a algum santo. Mesmo assim, é possível destacar essas duas estruturas que se mantêm nos rituais da Barquinha: trabalho de concentração, e trabalho em dias de festa. Os rituais descritos a seguir foram observados na Barquinha de Niterói – RJ.

7.1 – Trabalho de concentração

¹⁵ A “Gira” é o termo utilizado para se referir ao ritual de Umbanda.

Estes trabalhos são realizados todos os sábados, de 19 horas da tarde até mais ou menos meia-noite, podendo encerrar mais cedo ou se estender um pouco mais. Estarei me baseando nos rituais que participei durante esse período do trabalho na comunidade, e nas conversas com alguns adeptos.

Chegada ao Centro

As pessoas ao chegarem, assinam um livro de presença e anotam o valor da doação. Esta doação não é obrigatória e cada um pode contribuir com quanto tiver. Aos poucos os frequentadores vão chegando e trocando de roupa na casa para começar o trabalho. Alguns conversam entre si, enquanto outros já começam a se concentrar, e ir limpando os pensamentos da mente.

Início do ritual

O chefe da igreja, Carlos (Kaká), faz sempre um pedido para que os participantes cheguem mais cedo, por um lado para ajudar a arrumar o lugar, e por outro, para começar a se concentrar, esvaziar os pensamentos, refletir sobre o trabalho que será realizado. De acordo com Alex Polari, padrinho do Santo Daime, a concentração é buscar “através do silêncio, a conexão com nosso Ser interior e uma maior consciência do nosso Eu superior” (ALVERGA,1997, p. 18).

Os participantes vão chegando, muitos do trabalho, e trocam de roupa na casa. A sessão se inicia por volta das 19 horas com um toque de sinos, uma chamada para se fazer a fila e tomar o daime. São realizadas duas filas, uma para as mulheres, e outra para os homens. O padrinho serve a bebida, e faz uma especie de consagração desta antes de entregar o copo a cada um.

O daime tem um gosto azedo, denso e amargo, sendo que até os fardados as vezes demonstram na face o estranhamento coma bebida. Após tomar o daime, os frequentadores se dirigem para a varanda da casa, onde ficam as cadeiras para se sentar.

O trabalho é realizado na varanda de uma casa, na área rural de Niterói, com a presença de aproximadamente uns 20 fardados e alguns visitantes. Na varanda, os fardados se sentam ao redor de uma mesa, com flores e imagens de santos, e os não-fardados se sentam em um conjunto de cadeiras de plástico em frente, sempre com a a separação entre homens e mulheres. Do outro lado da mesa há também um altar com algumas imagens de santos.

Ao lado desta varanda, há um pequeno *terreiro*, um local de terra batida onde ficam alguns bancos reservados para as entidades na hora da consulta. Existe também um espaço ao lado, um terreno com um cruzeiro bem alto, onde as pessoas podem orar, acender velas.

É preciso lembrar que durante o ritual é proibido cruzar os braços e as pernas. Isso por um motivo mágico, ou seja, cruzar braços e pernas “interrompe a corrente”¹⁶, o que prejudica o trabalho.

São realizadas algumas orações, e a sessão é aberta. Começam então, a ser cantados os salmos, os primeiros são os de abertura da sessão, com o Culto Santo:

Culto Santo

Eu estou firme no Culto Santo
Que temos por devoção
Deus abençoe as nossas preces (bis)
Da alma ao coração

¹⁶ “... a corrente é o resultado da integração das forças espirituais, pessoais e coletivas, envolvidas no ritual.” (Groisman,1999, p.70)

O Divino Pai Eterno
Para nos dar a salvação
Mandou preparar os caminhos (bis)
Para Jesus por São João
São João é filho único
Do sacerdote Zacarias
Santa Izabel é sua mãe (bis)
E prima da Virgem Maria
São João veio sobre a terra
São Gabriel foi sua guia
Pregou, clamou no deserto (bis)
A luz santíssima do Messias
São João preparou a doutrina
Em tudo testificou a luz
E lá no rio de Jordão (bis)
Ele batizou Jesus
Na hora do santo batismo
Os céus se abriram por encanto
E baixou um fogo sagrado (bis)
Sobre Jesus e o Espírito Santo
São João nos abençoou
E nos dê caminhos de luz
Seja vós o nosso guia (bis)
Para os santos pés de Jesus
Eu estou firme na verdade
Que representa esta luz
Esta aberto o Culto Santo (bis)
Das Doutrinas de Jesus

Este salmo é utilizado tanto para abrir, como também para fechar os trabalhos, mudando somente a penúltima estrofe, de “está aberto o culto santo” para “está fechado o culto santo”. Entre os salmos também são rezadas algumas orações.

O trabalho vai seguindo e o efeito da bebida começa, vindo progressivamente com a música. Uma das grandes características do daime é provocar uma vontade de ficar de olhos fechados, em concentração, sendo que quase todo o culto é passado com os frequentadores de olhos fechados. Neste estado especial de consciência, o som tem o poder de potencializar sensações, desencadear as visões interiores. É um grande instrumento mágico que atua dirigindo o ritual, guiando o culto através dos salmos para trabalhar determinadas questões-chave: amor, caridade, perdão, fé, etc...

Durante o ritual, algumas pessoas choram, outras passam mal (vômitos e diarreia) devido ao contato com o chá. Esse estado é chamado pelos daimistas de “peia”, que para eles é a mostra de um “desequilíbrio” espiritual. Também por isso, o ritual é encarado como um trabalho, pois é difícil lidar com aspectos inconscientes e profundos do ser que vem à tona com o daime.

Terminada uma etapa da concentração, fazem a “entrega” da primeira “coroa” de salmos (grupos de salmos), e recomeçam outra etapa, novamente cantando outro grupo de salmos.

“Obras de caridade”

Em outra etapa, é feita uma pequena pausa, agradecimentos, e pede-se a autorização dos seres divinos para receberem as entidades que vão trabalhar

nas “obras de caridade” dando consultas. Os médiuns se levantam da cadeira e logo em seguida incorporam, sendo que a entidade que incorporou se dirige aos presentes, dá as boas-vindas e também agradece. Estas entidades se dirigem para um pequeno terreiro ao lado da varanda, com alguns bancos para se sentarem e assim dar suas consultas.

Os frequentadores vão sendo chamados um de cada vez para o atendimento, seguindo a ordem do “cambono”¹⁷, e enquanto cada um vai sendo chamado o trabalho na varanda prossegue com o cântico dos salmos. De tempos em tempos é servida uma nova dose de daime, pois seu efeito é rápido no organismo.

Encerramento

Decorridas aproximadamente umas 5 horas, de 19h às 23:30, os últimos salmos são cantados e o trabalho é fechado, novamente com o salmo “culto santo”.

Por fim terminam fazendo os agradecimentos aos seres divinos pelo auxílio no trabalho realizado. Muitas vezes a concentração se encerra, mas o trabalho de consulta com as entidades continua, até que todos tenham sido atendidos.

A sessão é fechada, os participantes se abraçam, apertam as mão, também realizam um pequeno lanche enquanto conversam e trocam experiências.

¹⁷ O “cambono” é um termo utilizado na Umbanda, para designar a pessoa encarregada de auxiliar à entidade. Ele deve pegar os materiais que a entidade solicitar, cachimbo, fogo, ou então anotar receitas. Na Barquinha, o cambono também faz uma lista das pessoas que querem se consultar, de acordo com a ordem de chegada.

7.2 – Trabalho em dia de festa

Estes trabalhos são realizados seguindo o calendário das festividades da casa, como dias de santos católicos, ou datas relativas à doutrina e seus fundadores.

O trabalho em dia de festa acontece em duas etapas. A primeira se dá quase que da mesma forma que um trabalho comum de concentração, na varanda, sentado, cantando os salmos, com pequenas diferenças quanto aos salmos que são cantados e a duração desta parte que é menor, pois a festa propriamente é feita na Segunda parte, com uma extensa duração. Como esta etapa tem uma estrutura bastante semelhante à que foi observada no trabalho de concentração, apenas com pequenas diferenças, considero que não será preciso entrar em mais detalhes, mesmo porque a característica principal do dia de festa está na Segunda parte, no trabalho feito no terreiro, onde se realiza o “bailado”. Podemos dizer mesmo que, a primeira parte é uma preparação para a segunda.

Terminada esta primeira etapa, há um pequeno intervalo no qual as pessoas conversam um pouco, fazem um pequeno lanche, e assim seguem para o terreiro. Este “terreiro” é uma clareira circular aberta no meio da mata, um pouco distante da casa, sendo necessário percorrer uma pequena trilha para se chegar lá. Os frequentadores ajudam a transportar da casa até o terreiro os materiais que serão utilizados no trabalho, como bacias para banhos de ervas, atabaques e instrumentos de som, bancos, dentre outros.

Finalmente, após tudo arrumado no terreiro, começa a Segunda parte do trabalho, sendo feitas duas filas separando homens de mulheres para se tomar o daime. Os participantes tomam o daime e se dirigem para formar uma grande roda, onde realizam o “bailado”, lembrando que nesta roda também é feita separação entre homens e mulheres. Em volta desta roda existe um espaço destinado aos músicos e aos instrumentos, do outro lado fica um pano

estendido no chão, com ervas, uma miniatura de uma barquinha e imagens ligadas ao panteão umbandista, pretos-velhos, caboclos, e os encantados. Também ao lado ficam alguns bancos para as entidades, e outros materiais.

Após tomar o daime e formar a roda, os atabaques começam a tocar, e assim começam os “pontos cantados”, e o “bailado”. O bailado é a dança ritual da Barquinha, em que há uma direção pré-estabelecida, ou seja, a roda tem sempre que girar em sentido anti-horário, mas é marcada também pela liberdade na dança, estando cada um livre para se expressar do seu modo, apenas respeitando o sentido e a separação entre homens e mulheres. Esta forma de ritual tem uma forte semelhança com algumas “giras” de Umbanda, tanto que na Barquinha de Niterói os próprios adeptos se referem à esse trabalho no terreiro como sendo uma “gira”. Mesmo estando presente em outros momentos e até na concentração, no trabalho de terreiro fica nítida a relação da doutrina com a Umbanda.

O bailado é também uma técnica mágica, que pode auxiliar tanto na possessão quanto no êxtase. O daime permite explorar sensações corporais através da dança, e assim estimula questões acerca da espacialidade, dimensões, volume, unidade e o todo. Também a dança ajuda a construir a viagem extática, ela é a própria representação física da viagem feita no Astral, sendo assim é uma técnica que auxilia o êxtase.

Por outro lado, também tem uma relação com a possessão, pois um aspecto bastante importante é que esse trabalho também uma característica de desenvolvimento mediúnico. Esse é justamente o espaço para os médiuns se desenvolverem, para as entidades incorporarem e dançarem.

O “ponto cantado” de abertura é o “... eu sigo firme, eu canto firme, eu piso firme...” do príncipe Dom Simeão, assim a roda começa a girar e após algum tempo começam as primeiras incorporações. Ao incorporar, as entidades se dirigem para o centro da roda, onde ficam dançando e executando seus práticas mágicas para dar firmeza e reforço no trabalho.

A sessão segue, e novas doses de daime são servidas. Também há o trabalho de consultas, em que algumas entidades incorporam e prestam seu atendimento. O trabalho segue assim, e estando perto do seu final (aproximadamente 4hs da manhã), é feita a “subida” das entidades, os médiuns desincorporam, e acaba o bailado e os pontos. É feito um conjunto de orações e o trabalho é encerrado.

8 – Complexo Mágico da Barquinha

8.1 – Magia Umbandista

Uma das maiores características da Barquinha, e que marca uma grande diferenciação entre ela e as outras tradicionais “religiões ayahuasqueiras” (Santo Daime e UDV), é justamente sua forte relação com a Umbanda e suas práticas mágicas.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que a grande base da magia umbandista é a mecânica de incorporação (possessão) e a mediunidade em geral. Iremos entendê-la aqui como sendo também um mecanismo mágico, um sistema “oculto” do ser humano que pode ser desenvolvido e dirigido através de um conjunto de técnicas.

Se a mediunidade é sua grande base de sustentação, a magia aparece no trabalho de Umbanda sob diversos aspectos. Sob um aspecto mais geral, este complexo de práticas pode ser entendido como a “Magia Umbandista”: defumações; trabalho com pedras, banhos de ervas; passes; pontos cantados. O grande segredo dessa magia está relacionado às “entidades”, feiticeiros que manipulam estes elementos no ritual.

8.1.1 – Passe

O “passe” é uma transferência de fluidos energéticos (Maes, 1975). É realizado através de uma série de procedimentos mágicos, e tem como finalidade a cura. Assovios, gestos com a mão, estalar de dedos, uso de velas, fumaça do cachimbo e plantas são algumas das técnicas mágicas para movimentar forças sutis, e livrar o consulente das energias negativas que ficam retidas em seu corpo energético.

Existem diversos tipos de “passe”: Passe anímico, Passe espiritual, Passe coletivo, etc... O Passe Anímico, ou Magnético, é aquele que utiliza os fluidos energéticos do próprio passista. O Passe Espiritual é ministrado pelos espíritos e seus fluidos, sem a necessidade de um intermediário. Já o Passe Mediúnico é realizado quando os espíritos atuam através de um médium encarnado. A Umbanda trabalha com diversos tipos de “passe” mas principalmente com este último. Seus grandes manipuladores são as entidades que incorporam sob as formas de pretos velhos e caboclos. O “passe” dentro da Barquinha segue todo o sistema de trabalho observado em muitos centros de Umbanda, mediado pelos pretos-velhos e entidades da casa.

Algumas das técnicas já citadas são utilizadas de um modo geral por todas as entidades, fazendo parte de um sistema de cura dos pretos-velhos e dos caboclos. Um sistema complexo, utilizando inúmeras técnicas mágicas: assovios, estalar de dedos, uso de velas, plantas, rezas e também a imposição de mãos. No entanto, cada entidade tem conhecimentos mágicos que lhe são próprios, tendo uma forma de trabalho característica.

Em uma consulta na Barquinha de Niterói, recebi um “passe” com a “Vovó Cambina” que consistia em: baforadas de cachimbo sobre o corpo, estalar de dedos fazendo o gesto de cruz, assovios fortes perto do ouvido. A entidade usa uma espécie de lençol, que é colocado sobre a cabeça do consulente, e depois tirado e sacudido, como se estivesse “tirando” elementos negativos. Também utiliza uma vela, colocada em cima da cabeça do paciente enquanto efetua uma reza.

8.1.2 – Plantas e Ervas

A magia, como um sistema oculto da natureza, está diretamente ligada aos segredos e mistérios das plantas. Sendo assim, em se falando de magia é verdadeira a afirmativa de que: todas as plantas têm poder, cada uma com características mágicas que lhe são próprias.

O resgate destas formas de magia na Barquinha mostra a influência da Umbanda, e do conhecimento trazido pelas entidades. Estas entidades conhecem os segredos das plantas medicinais “afro-brasileiras”. Os “pretos-velhos” com seu sistema de cura, com plantas e ervas utilizados pelos curandeiros africanos. Por sua vez, os “caboclos” têm um grande acervo de plantas nativas conhecidas pelos índios. Os colonos europeus também trouxeram inúmeras plantas, conhecidas desde os primórdios do cristianismo, como mirra, incenso e estoraque (CAMARGO, 1998, p. 28). Outras já eram conhecidas na bruxaria européia, como o alecrim.

Essa rica troca de conhecimentos mágicos, e que gerou um grande complexo de plantas mágicas, é ilustrada no trabalho destas entidades, com conhecimentos milenares da magia dessas ervas, reorganizando todo esse saber em prol da cura e caridade.

Como vimos, cada entidade tem um trabalho próprio, com conhecimentos mágicos diversificados. Ela lida com determinadas plantas que vão caracterizar o seu trabalho. As ervas e plantas são manipuladas de modo diferenciado por cada entidade, e de acordo com suas propriedades mágicas e a finalidade do trabalho, são utilizadas para banhos, chás, “passes”, benzeduras, etc...

Ao realizar uma “consulta” com a “Vovó Cambina” – na Barquinha de Niterói – perguntei sobre as plantas com que prefere trabalhar, que caracterizam o seu sistema mágico próprio. Algumas apontadas foram: arruda, pimenta-longa e o tabaco. Já nos trabalhos da Barquinha de Magé,

realizei uma consulta com “Maria de Luz”, que me receitou um chá de quebra-pedra.

A seguir veremos um pouco mais sobre as propriedades mágico-curativas das plantas citadas, usando como referência o trabalho de Maria Thereza Arruda¹⁸.

– Tabaco (*Nicotiana tabacum* Linné)

Conhecido popularmente como “fumo”, o tabaco é manipulado pelo preto-velho através de um cachimbo. Desse modo, a entidade dá baforadas na direção do consulente. A fumaça obtida da combustão atua produzindo modificações no corpo Astral, removendo energias negativas, e restabelecendo o equilíbrio. Esse efeito é semelhante ao observado na defumação, mas a grande diferença é que a fumaça é exalada por uma entidade de luz, um mago do Astral que sabe como dirigi-la para atingir um ponto específico no corpo energético do paciente.

Este é um procedimento mágico bastante comum, “...en la terapia curanderil el tabaco és un aditivo indispensable de hechiceros y curanderos” (JIMENEZ, 1981, p. 8).

– Arruda (*Ruta graveolens* Linné)

Conta com um grande prestígio no meio popular, considerada uma protetora contra mau olhado e quebranto (magia negra).

As entidades utilizam essa planta não só em banhos, mas também para dar passes, realizar “benzeduras”.

Na medicina é empregada como anti-hemorragico, ou anti-espasmódico, dentre outras funções.

¹⁸ “Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros”, 1998.

8.1.3 – Ponto Riscado

São sinais riscados pela entidade no chão, com pomba (giz). Uma espécie de “código” para ativar determinadas forças no Astral, um grande alfabeto mágico, de atuação no invisível, com símbolos que traduzem intenções mágicas, atuam identificando a entidade que o riscou, suas ordens e hierarquia. No trabalho da Barquinha realizado no terreiro, algumas entidades riscam seus pontos com pomba, e também colocam velas em cima de pontos-chave no desenho. Estes sinais, por serem “chaves mágicas”, devem ser utilizados com responsabilidade.

8.1.4 – Consulta

A “consulta” resume, de forma geral, todo o atendimento realizado pela entidade: a conversa, o aconselhamento, aplicação de passes, receitas para banhos e chás, ou seja, todo seu sistema mágico-curativo.

Contudo, procuro destacar aqui a parte de consulta propriamente dita, de aconselhamento, enfim, a conversa com a entidade.

Isso porque em muitos trabalhos - na Umbanda como no espiritismo - os passes ficaram sendo considerados o momento “alto” da trabalho mágico, sendo que algumas casas passaram a enfatizar estes, e desenfatazaram a parte de consulta. Em alguns lugares, consulta se tornou sinônimo de passe. Na verdade, todo o trabalho realizado pela entidade é mágico, mas muitas pessoas do meio popular acabaram se interessando apenas pelos “passes”. Um dos motivos seria que grande parcela procura um modo “rápido” de cura, sem esforço. Buscam uma “fórmula” mágica que lhe deixem curados.

Um grande mérito da Barquinha é trabalhar a “consulta” como um todo. Como a comunidade em Niterói possui poucos frequentadores, não existe uma pressa no realização das consultas. Dessa forma, a pessoa tem mais liberdade de conversar com a entidade, tratar suas questões, pedir esclarecimentos espirituais e também para receber um passe.

É nesta conversa que o consulente expõe suas questões para a entidade. Também através da voz, a entidade pode sentir muitas de suas “vibrações”, que mostram os desequilíbrios do consulente. A entidade por sua vez, tenta reorganizar o sistema do paciente, harmonizá-lo, controlando a fala, em um ritmo cadenciado, com pausas. Aqui também pode ser feita uma relação com a psicologia, de uma cura através da fala, uma cura linguística. Ambos os casos tratam de conduzir a consciência e o inconsciente, utilizando a linguagem de símbolos e mitos, para reestruturar o sistema de um paciente em desequilíbrio.

E se um dos problemas do psicólogo é conseguir uma relação de confiança para o paciente se abrir, na “psicologia de terreiro” a “vestimenta” de preto-velho facilita essa aproximação, representando o negro velho, a figura do avô, como o “Vovô Leôncio” da Barquinha.

Além disso, estas entidades são verdadeiros magos, sensitivos e com graus variados de vidência, que podem sentir inúmeras vibrações do consulente e assim aconselhá-lo. Por estas faculdades mágicas, a consulta também pode ter características de “oráculo”, bastante conhecido em diversas culturas, tal como as consultas mágicas descritas por Bithencourt (2004), realizadas na feitiçaria européia por adivinhos e videntes.

8.2 – Magia Simpática e “Simpatias”

No início desse trabalho (ver cap. “Magia”), analisamos o conceito de “Magia Simpática”, formulado por Frazer. O termo se refere a um sistema de interações secretas entre elementos distantes no tempo e no espaço. É uma “teia” de inter-relações mágicas. Definiu assim, um dos grandes princípios da magia: um sistema universal ligado por correspondências secretas. Através deste sistema, o mago acredita ser capaz de controlar determinadas “chaves” reguladoras dessa relação de causa-efeito.

Esse conceito é fundamental aqui, pois ele é uma das bases do sistema mágico da Barquinha. Na “cosmovisão” daimista, o universo também é formado por um sistema oculto de causa e efeito. Essa concepção, aliás, está presente em diversos sistemas religiosos, com grande força no imaginário popular. Prova disso é que, no Brasil, encontramos o termo “simpatia” na crença popular. “Simpatia” para arrumar marido, ou “simpatia” para ganhar dinheiro. Em todas vemos a mesma idéia de Frazer, um sistema secreto que pode ser manipulado.

A seguir, destaco alguns exemplos e situações durante o ritual da Barquinha em que essa dinâmica é encontrada.

- A própria Lei do Karma, A lei universal de causa-efeito.
- Os “pontos riscados” também respondem a um sistema de causalidade, pois ao serem desenhados produzem efeitos ocultos no Astral.
- Uso da roupa branca: o daimista acredita que o uso do branco traz “luz” para o ritual. O branco reflete todas as outras cores. Com isso, não há predomínio de nenhuma vibração, a pessoa pode receber vibrações de várias cores. Além disso, simboliza a paz e a pureza. Os daimistas consideram que, ao se vestirem coletivamente de branco, a “intenção” mágica é amplificada. Essa intenção mental em conjunto fortalece o trabalho.

Como é um sistema oculto de causa-efeito, é preciso seguir uma série de regras, pois a má utilização pode levar a graves consequências mágicas.

Assim, Frazer aponta que este sistema mágico “Não nos diz ele apenas o que fazer, mas também o que deixar de fazer.” (FRAZIER, 1982, p. 11). São os chamados “tabus”, presentes em praticamente todas as sociedades tribais: normas e regras que se não forem seguidas podem gerar terríveis consequências para a tribo como um todo. É um sistema que pode agir positiva ou negativamente e, por isso mesmo, as regras do trabalho devem ser seguidas fielmente. Alguns exemplos de “tabu” na Barquinha.

- Não cruzar os braços e pernas durante o trabalho, pois isso atrapalha a “corrente”.
- Não Ter relações sexuais durante a romaria.
- Não sair do culto antes do seu término. Do contrário, a pessoa pode ficar “aberta” à energias negativas, uma vez que está fora do ambiente apropriado e seguro.

8.3 – Concentração

“Concentração” é como a meditação é conhecida no meio daimista em geral. É uma técnica mágica de grande importância na história, aparecendo em praticamente todas as religiões do mundo. Busca um estado de relaxamento, em que através da interrupção do fluxo de pensamentos, é catapultado a um estado de alta consciência, de conexão com o “Eu Superior”. É basicamente a essência do trabalho com o daime, o silêncio interior como chave para o auto-conhecimento e desenvolvimento espiritual.

Alex Polari, padrinho do Santo Daime, faz uma divisão em duas etapas:

“A Concentração propriamente dita que consta da disciplina da mente em abolir os pensamentos, associações de idéias e impressões do dia-a-dia, a fim de focalizar num único ponto. Nela treinamos a atenção e a introspecção, para que

a mente ao invés de se tornar foco de distração, seja um instrumento útil a serviço do trabalho espiritual.

B) Meditação – Estágio superior de concentração onde dentro da força da corrente, da energia espiritual das mentes elevadas e da proteção dos nossos guias espirituais se busca experimentar um estado contemplativo, estático, sereno, e sem pensamentos, onde procuramos fundir o observador, o observado e o ato de observar.” (ALVERGA, 1997, p. 18)

Na prática, grande parte não faz essa divisão, colocando concentração e meditação como sinônimos. Mesmo assim, outros já concordam com essa diferenciação de estágios. Essa divisão aparece mais nas linhas “esotéricas”, sendo a concentração um estágio em que algo é “focalizado”. A meditação seria um estado superior, que não tem um foco, busca o Todo.

8.4 – Êxtase – A grande magia da Barquinha

Ao analisarmos o xamanismo, e sua relação com a Barquinha, vimos que seu grande legado para esta última foi um sistema baseado no “êxtase”, nas viagens extáticas. É claro que não é apenas no xamanismo que iremos encontrar o êxtase religioso, este existe em maior ou menor grau dentro de todas as religiões, pois é “...o entusiasmo como um meio pelo qual o homem continuamente reafirma a si mesmo e aos outros, que Deus está com ele” (Lewis, 1977). Ou seja, toda religião precisa de uma certa dose de “experiência mística” para se manter viva. A maioria das religiões oferece inúmeros elementos para o êxtase dos participantes, como danças, cantos, orações, jejuns, etc.

Mesmo assim, grande parte das religiões se afastou da idéia de experiência mística, passando a representar apenas “crença”/ fé e “rito”, se distanciando de um encontro transcendental sensível. Ao comentar o êxtase, Knox coloca:

“As emoções têm de ser resolvidas em suas profundezas, a intervalos frequentes, por incontáveis sentimentos de remorso, alegria, paz e assim por diante, senão, como pode alguém estar seguro de que o toque Divino estava trabalhando em seu interior.” (Knox, 1950).

Essa é uma descrição que poderia se encaixar perfeitamente no trabalho do daime. O “êxtase” de que falamos aqui é menos um estado de felicidade e alegria ordinárias. Ele é um verdadeiro encontro com o sublime, o avassalador, o extraordinário.

O “êxtase” é o “pilar” principal do sistema mágico da Barquinha, e o uso da Ayahuasca, enquanto veículo milenar para o êxtase, é seu grande “mistério”. Existem diversos outros elementos na Barquinha que auxiliam o êxtase, mas o uso do daime parece ser mesmo o grande mistério. Ele induz à uma forte experiência mística, sendo assim, um potencializador do êxtase religioso. Estimula “visões”, percepções, viagens cósmicas em estados de super-consciência, estados de fusão do ser com a divindade. Os próprios adeptos colocam a bebida como o grande mistério das viagens extáticas

Os adeptos tem como fundamental o papel da bebida na indução do êxtase, motivo pelo qual se definem como “daimistas”. O elemento centralizador é o daime, uma bebida capaz de “levar à Divindade”, ou melhor, despertar a divindade dentro de si.

É preciso observar que cada cultura irá expressar o êxtase de acordo com suas particularidades, e na Barquinha não é diferente. Isso porque a “... experiência mística, como qualquer outra experiência, está baseada e tem de se relacionar com o ambiente social em que é experimentada.” (LEWIS, 1977, p. 14)

Retomamos aqui uma das questões desse trabalho, a “Magia de Tradução”, a magia que manipula elementos do imaginário. Dessa forma, as “visões” seriam traduções da experiência extática a partir da sua cultura, ou seja, dialogando com a realidade local. É uma forma de magia que utiliza um

mecanismo de “tradução”, funcionando assim, como um filtro cultural, na medida em que, ficam registradas as “marcas” daquela comunidade.

Mas como a Barquinha trata o êxtase? Como as viagens extáticas se relacionam com a cosmologia da doutrina?

Primeiro é preciso apontar que o imaginário de determinada comunidade sempre terá grande influência do imaginário de seu líder/líderes. Sendo assim, muitos elementos do imaginário individual do Mestre Daniel formam as bases do imaginário coletivo da Barquinha. Este foi marinheiro, com uma forte relação com o mar, e este histórico – sua mitologia pessoal – foi amplificado em suas viagens extáticas com o daime. Muitas de suas “mirações” faziam referências ao mar, seres aquáticos, sendo recebida assim, a metáfora da “Barquinha”. Grande parte dos salmos também registram essa ligação com o mar, em narrativas que descrevem viagens em um barco.

Esta, aliás, é uma experiência extática característica da Barquinha, que inúmeros frequentadores narram: a imagem de que todos no trabalho estão juntos em um barco, passando por tormentas, tentando chegar à luz.

Também existem viagens extáticas com os “encantos”, que se apresentam nas “mirações”, como o Príncipe Espadarte (Dom Simeão) que dá nome ao centro da Madrinha Chica. Como no depoimento dado à Sena Araújo, por Francisca Melo (Chiquita):

“Era um barco assim que nem esses navio gaiola. Aí deu um temporal muito grande e a gente tudo dentro da igreja, então eu vi o Príncipe Espadarte que era o da Chica Gabriel... tava fazendo a chamada dele, aí começou aquele assovio ao redor da igreja, e o temporal se formando, aquele assovio... quando eu vi ele entrou na igreja num cavalo branco muito bonito, aí quando ele começou a cantar, eu vi a Barquinha voando assim. Da igreja formou-se o barco com a gente tudo voando assim. Ficou aquele manejo, tudo voando assim.” (Sena ARAÚJO, 1999, p. 77)

Outro aspecto importante, é que através destes êxtases são “recebidas” novas instruções do Astral. Desse modo, mesmo sendo uma doutrina dita

“tradicional”, ela está “aberta” para receber novas instruções do Astral, como também ocorre no Santo Daime e na Umbanda.

8.5 – “Miração”

O sistema daimista coloca ênfase na “miração”, o êxtase visionário, um estado especial que se deseja alcançar durante o trabalho. Em inúmeros estudos sobre o xamanismo (Mckenna,1995; Eliade,1998), vemos o uso do termo “êxtase visionário” como um estado de êxtase que desemboca em uma visão significativa.

A “miração” é o termo usado pelos daimistas para indicar um tipo de estado que pode ser considerado como um “êxtase visionário”. Podemos notar que os dois termos se referem à idéia de “visão”, indicando uma experiência extática que desemboca em uma “visão” revelatória.

“Esta é, portanto, a síntese do conhecimento mais verdadeiro, tecida a partir de símbolos, concatenações e imagens que se acham disponíveis no inconsciente coletivo da Humanidade. É como se Deus falasse diretamente ao nosso entendimento por meio de parábolas vivas” (ALVERGA, 1992, p. 65).

Como a experiência mística dialoga com o contexto em que é experimentada, essas visões são formadas a partir de elementos do imaginário simbólico do grupo. Por isso, é uma forma de “Magia de Tradução” que acontece diretamente, ou seja, ela é “recebida” diretamente por meio do êxtase.

Desse modo, as “mirações” na Barquinha tem uma temática mais voltada para o mar. Além disso, há todo um imaginário católico, de visões envolvendo santos. Também visões relacionadas ao universo natural, de flores, do sol, da lua, animais, etc. É também nas mirações que se pode visualizar espíritos, entidades como caboclos ou pretos-velhos.

A experiência visual do daime também tem uma grande característica de “luz”, de luminosidade. Assim, no meio daimista em geral encontramos visões e hinos sobre palácios de cristal, pérolas, brilhantes, luz, etc...

Nesta perspectiva, as “religiões ayahuasqueiras” entram com um imaginário simbólico diferente do indígena, com uma realidade urbana, e com a influência do catolicismo. Assim são traduzidas visões com santos, palácios, disco voadores dentre outros motivos de caráter mais urbano.

8.6 – Possessão e Mediunidade

Primeiramente, possessão e mediunidade não seriam, a rigor, a mesma coisa. A incorporação (possessão) é uma das formas de mediunidade, chamada “mediunidade de incorporação”, mas existem outras formas. (Feraudy, 2004)

De certa forma, com excessão da Barquinha, a possessão não é muito bem vista pelos daimistas em geral. Isso ocorre porque o “trabalho do daime” tem um sentido mais xamânico, voltado para o êxtase, e não para servir apenas como “aparelho” de espíritos. É claro que o xamã tem uma estreita ligação com os espíritos, mas seu trabalho não é se deixar possuir, e sim controlar estes espíritos.

Eliade colocava que o êxtase e a possessão seguem caminhos opostos: enquanto o primeiro é uma “subida” para o encontro da divindade, a segunda é uma “descida”. Os próprios médiuns utilizam o jargão “baixar”, fazendo referência ao ato do espírito “baixar” no trabalho.

Sendo assim, a lógica daimista é a de evitar ficar preso na possessão, em um trabalho terreno, mas sim subir, viajar até os confins do universo, e se fundir com a divindade.

No início dos trabalhos no Santo Daime, quando ainda era comandado pelo Mestre Irineu, não se trabalhava com a incorporação no ritual. Foi o Padrinho Sebastião que inaugurou esta característica ao fundar o “trabalho de estrela”, onde há um trabalho específico voltado para a incorporação. Nessa época também começava uma grande influência do espiritismo, dos fundamentos de Kardec, Chico Xavier e a própria Umbanda.

Mas o fato é que estes casos são exceções, por isso mesmo são trabalhos separados. A essência do trabalho com o daime parece estar mesmo mais ligada ao êxtase do que à possessão. É claro que muitas vezes esta divisão não se faz tão perfeitamente ao se lidar com o mundo espiritual na prática. Muitas vezes estados de êxtase e possessão podem ocorrer no mesmo ritual, mas a chave é entender que cada um atua em sua esfera.

Essa distinção entre êxtase e possessão é criticada por Lewis, ao argumentar que o “... xamanismo e a possessão por espírito regularmente ocorrem juntas e isso é verdadeiro particularmente para o Ártico, locus classicus do xamanismo” (LEWIS, 1977, p. 57). Para ele, o xamã é antes de tudo um mestre dos espíritos, que vem a ser possuído em determinadas circunstâncias. Além do mais, observa que muitas características atribuídas ao êxtase são citadas em culturas diferentes como sendo relacionadas à possessão. Com isso, coloca que as provas:

“... desmontam a asserção de que xamanismo e possessão por espírito são fenômenos totalmente separados, pertencentes necessariamente, a sistemas cosmológicos diferentes e a estágios distintos de processo histórico” (LEWIS, 1977, p. 63).

É verdade que estes fenômenos ocorrem em conjunto, mas nem por isso são necessariamente a mesma coisa. Essa parece ser a armadilha da visão de Lewis.

Possessão está relacionada ao fenômeno da mediunidade, e o xamã não é apenas um médium, ou melhor, ele é um médium, mas também poeta, mago, curandeiro, etc... Ele tem um trabalho que lhe é específico: as viagens extáticas, subidas aos céus e descidas aos infernos. Ou seja, todo xamã é médium, mas nem todo médium é xamã. Êxtase e possessão ocorrem em conjunto, mas são processos diferenciados, mecanismos mágicos de características próprias.

Existem cultos que só trabalham a parte de êxtase religioso, e não lidam com possessão. Um exemplo é o Hare Krishna, em que se busca, através da meditação, da dança e dos mantras, um estado de elevação da alma, de conexão com a divindade, mas não é um trabalho “mediúnico”.

8.6.1 – Possessão na Barquinha

Daniel Pereira inaugurou uma nova forma de trabalho na comunidade daimista ao fundar a Barquinha, juntando duas “linhas” de trabalho: o sistema daimista, baseado no êxtase, e o complexo mágico vindo da aproximação com a Umbanda, baseado na atuação das entidades pela mecânica da incorporação (ver mais em “Umbandaime”).

A possessão não deve ser encarada de modo algum com preconceito, mas sim com cuidado, pois ela apresenta inúmeros perigos que, inclusive, o daimista reconhece. Wavel demonstra esse perigo: “... aparelhar nosso planeta, já dividido em nações hostis, com uma nova dimensão de receptores de espíritos em conflito...” (Wavel,1967)

Talvez esteja neste ponto, uma das grandes contribuições da Umbanda: um modelo de organização com entidades características. A mediunidade que pode, a princípio, ser descontrolada e sem direção, é dirigida na Umbanda para se encaixar e trabalhar em um modelo organizado. Esse sistema engloba: entidades específicas, que seguem toda uma hierarquia no Astral, divididas em falanges, sub-falanges; um sistema de “segurança” no terreiro; um “desenvolvimento mediúnico” apropriado, o sistema de consultas, etc ... Ou seja, um modelo de organização e direção da mediunidade. Esse sistema foi incorporado ao ritual da Barquinha, fundamentado nas entidades características da Umbanda (caboclo, preto-velho, criança) e dos encantos da casa. Estas entidades são todas “batizadas”, recebem a doutrinação específica da casa, ou seja, trabalham conforme a Lei Divina, com direitos, obrigações e compromissos com o centro.

Existem alguns casos de “incorporação” de espíritos comuns, mas estes são exceções. Alguns incorporam espíritos sofredores por não estar ainda desenvolvido em suas faculdades mediúnicas, ou dão “passagem” a esses espíritos para que se doutrinem com o daime.

8.6.1.1 – Entidades de Umbanda

Mesmo as entidades características da Umbanda, recebem a doutrinação específica da casa, conhecem os “mistérios” da Barquinha e os segredos do daime. E realmente uma das grandes diferenças destas entidades para as outras comumente encontradas no meio umbandista, é que essas conhecem o trabalho com o daime, o chá.

Na Barquinha do Manuel Araújo, a linha original do Mestre Daniel, as entidades que trabalham na casa são batizadas com um novo nome, como a “vovó” Anastácia (preta-velha) que recebeu o nome de “Anastácia de Luz” (Senna Araújo, 1999). A Barquinha de Magé (filial da linha original do

Mestre Daniel) também funciona desse modo, com uma entidade chamada “Maria de Luz”, sendo que não há uma identificação dela como “preta-velha”. Não se trata propriamente de uma negação, pois eles próprios admitem se tratar de uma preta-velha. Parece ser mais uma forma de reafirmar a doutrina, e separar o seu trabalho do que o realizado na Umbanda.

Por outro lado, os trabalhos observados na linha da madrinha Chica, na Barquinha de Niterói, não parecem seguir a mesma orientação. Embora tenha um trabalho de doutrinação própria, como a de Magé, as entidades não perdem a sua característica de “preto-velho”, continuando a ser chamadas pelos nomes de “Vô” (como o “Vô Leôncio), “Vovó” (como a “Vovó Cambina”) ou “Pai”, todos nomes que identificam o “preto-velho”. Além disso, na linha da Madrinha Chica não há uma farda, só roupa branca, a estrutura é simples, o sistema de consulta, ou seja, há uma maior semelhança com a Umbanda.

Para auxiliar no processo de incorporação são utilizados uma série de mecanismos mágicos, como a música, a dança, concentração, assim como o próprio uso do daime, que abre a porta de comunicação com o mundo dos espíritos. Este último, aliás, parece ser uma grande chave para a incorporação na Barquinha. Isso porque no trabalho de terreiro, existem diversas outros elementos mágicos que auxiliam a incorporação, como a dança e os pontos cantados. Já no trabalho de Concentração, o médium incorpora sem estes elementos, apenas com o auxílio do daime. O chefe da Barquinha de Niterói, Cacá, se levanta da cadeira, entoia um mantra e rapidamente incorpora a entidade. Não há grandes performances, nem o habitual “espetáculo” para se incorporar, observado na grande maioria dos terreiros.

O preto-velho é a entidade mais presente nos trabalhos da Barquinha em Niterói, e por isso mesmo colocaremos aqui algumas de suas características quando incorporados, sua carga dramática e força de expressão.

Estas entidades, ao incorporarem, fazem o médium tomar uma postura levemente curvada para a frente, o que acabou identificando a entidade com

um “velho”, um “preto-velho”. Falam com muita calma e sabedoria, gostam de pitar seus cachimbos. Dançam de uma forma bem característica, muitas vezes fazendo sinais ou estalando os dedos. São a própria representação da humildade e da sabedoria, o que se expressa também em sua performance ritual.

8.6.1.2 - Encantos

Por sua vez, os “encantos” podem “baixar” (incorporar) ou não, pois atuam de diversas maneiras, não precisando ser apenas pela incorporação. Como são entidades de muita luz, é difícil encontrar médiuns que se afinem vibratoriamente com estas entidades.

Quando “baixam”, podem fazê-lo durante a dança na “gira”, sem necessariamente dar consultas. Em alguns casos só baixam para dar mensagens de caráter geral, sem consultas particulares. Em outros casos dão consultas particulares também, como é o exemplo do Príncipe Espadarte, que trabalhou com seu aparelho (a madrinha Chica) por cerca de 30 anos nas “obras de caridade”. Na maior parte das vezes, porém, essas entidades atuam no “invisível”, trabalhando no Astral.

8.7 – “Umbandaime”

“Umbandaime” é um jargão encontrado no meio daimista para se referir aos rituais que mesclam duas grandes linhas mágicas: o daime e a Umbanda. Com essa união, criou-se também um novo e grande campo mágico, juntando

as práticas do êxtase e das visões do daime, às práticas mágicas da Umbanda e suas entidades.

O termo vem ganhando maior destaque atualmente. Contudo, é verdade que estas práticas já eram conhecidas, adquirindo com o passar do tempo, novos formatos e conotações. Umbandistas procuraram conhecer o trabalho com o daime, assim como muitos daimistas se interessaram pelas práticas de Umbanda. Nasceram assim, os primeiros rituais sincretizando elementos destes grupos, alguns com mais características do daime, outros mais próximos da Umbanda.

Seguindo essa perspectiva, a Barquinha pode ser entendida como uma das pioneiras nesta linha de trabalho, sendo fundada em 1945, apesar de não se reconhecer como sendo propriamente um “Umbandaime”. Isso porque ela assume a influência da Umbanda, mas tem uma linha própria de trabalho, de fundamentos próprios. É também uma forma de reafirmar a identidade e legitimidade da doutrina, separando-a da idéia de uma simples mistura entre o daime e a Umbanda.

Na verdade, quase nenhum ritual se auto-denomina como “Umbandaime” pelo caráter pejorativo do termo, ligado à mistura. Por outro lado, parece que mesmo contra a vontade estes grupos também compõem o cenário geral do “Umbandaime”, pois de todo modo, misturam sistemas oriundos do daime e da Umbanda. Também por isso, muitos destes rituais acabam se aproximando, como o exemplo da Barquinha da Madrinha Chica em Niterói, e a “Bastinha” em Lumiar/ RJ (que também mescla o daime com a umbanda). Estes dois centros, devido às semelhanças, construíram uma relação, organizando rituais em conjunto.

Na Barquinha de Niterói, essa relação aparece de uma forma bem harmoniosa, não há um distanciamento da Umbanda. Os trabalhos contam com dois modelos diferentes de união de práticas do daime e da Umbanda. Sendo assim, podemos destacar dois sistemas distintos de “Umbandaime”: a Concentração, e o trabalho no “terreiro”.

É preciso destacar que estas linhas mágicas podem tanto trabalhar juntas, como separadas. Ou seja, uma pessoa pode ir ao ritual somente para se consultar com os pretos-velhos e não tomar o daime, ou então, pode escolher tomar o daime e não querer se consultar com as entidades. Segundo uma conversa com Cléia, dirigente da casa, algumas pessoas procuram o centro de Niterói apenas para realizar as consultas, ou seja, a parte de Umbanda. Nem sempre esta separação se dá de forma tão precisa, embora na concentração ainda exista uma distinção mais nítida entre estes dois campos.

8.7.1 - Concentração

O trabalho de concentração apresenta um formato bem interessante de Umbandaime. A estrutura é toda de um trabalho daimista, com as pessoas sentadas, em meditação, e cantando os salmos. Não há diversos elementos que são característicos da Umbanda, como a dança, os “pontos cantados”, atabaques, incorporações performáticas, etc...

Em uma primeira etapa, é feito apenas o trabalho de meditação com os salmos. Na Segunda etapa é que os médiuns incorporam as entidades e, então, se encaminham para prestar as consultas. Estas incorporações ocorrem de uma maneira bem peculiar, pois são feitas rapidamente, quase que automaticamente, de uma forma altamente organizada, sem música, tambores ou as grandes performances normalmente observadas na Umbanda. Para isso, é feita uma pequena pausa no ritual onde o presidente da casa pede o auxílio das entidades no trabalho, e pede a devida autorização do Astral. O médium se levanta da cadeira e automaticamente incorpora, se dirigindo então para o terreno ao lado da varanda prestar as consultas.

Enquanto isso a concentração continua, com o cântico dos salmos, ou seja, toda a estrutura do trabalho do daime se mantém, sendo adicionada a

parte de Umbanda. As pessoas ficam na varanda em meditação, e vão sendo chamadas uma de cada vez para se consultarem, de acordo com a ordem do “cambono”.

Desse modo, o participante trabalha primeiramente em um campo mágico, da meditação, do êxtase, os salmos, até o momento em que é chamado para a consulta. Nesta hora há uma quebra, uma transição de trabalhos mágicos, uma passagem de um campo para outro. O cambono se encarrega de levar o participante até o banco onde deve se sentar para a consulta, e para isso passa da varanda da casa para um pequeno terreno ao lado, em uma forma de rito de passagem. Ao despertar da concentração pelo cambono, o frequentador já começa a entrar em um novo campo mágico, começa pensar no que vai conversar com a entidade, suas questões. Dessa forma são formados dois espaços sagrados, dois campos mágicos no mesmo ritual, e simultâneos.

Terminada a consulta, há novamente uma transição de campos mágicos ao voltar para a varanda, fazendo o caminho inverso. Dessa forma, passa do campo da Umbanda novamente para se sentar e continuar no campo do daime (concentração e cântico dos salmos).

Com relação à Umbanda, esse modelo descrito está mais próximo da “Umbanda Branca”: “trabalho de mesa” (ou “mesa branca”), e sem presença de atabaques. Ou seja, uma Umbanda mais ligada às práticas espíritas.

8.7.2 - Trabalho no Terreiro

Ao contrário da concentração, a estrutura do trabalho de terreiro é semelhante à uma gira da Umbanda popular, com atabaques, pontos cantados, a dança, incorporações performáticas. O próprio fato dessa parte do trabalho ser feito em um “terreiro” já demonstra claramente essa aproximação com o

sistema da Umbanda. No entanto, há duas grandes diferenças dessa estrutura para uma gira comum: o uso do daime, e o fato de que todos participam da dança (não só os médiuns).

Os participantes tomam o daime, e então, começam a bailar e executar os “pontos cantados”. No decorrer do ritual vão acontecendo as incorporações, e também sendo servidas novas doses de daime. Algumas entidades dançam, enquanto outras se sentam em banquinhos para prestar “consulta”.

Diferente da concentração, em que são formados dois espaços sagrados e dois campos mágicos (ainda que se misturem), no modelo de Umbandaime observado no “terreiro” é formado um só novo campo, resultante da fusão destes sistemas.

9 – Música Mágica

Se a Ayahuasca é conhecida por sua característica visionária, sua experiência auditiva também é rica e intensa. Mesmo as visões têm estreita ligação com a música, pois são impulsionadas e dirigidas pelo som. Assim “...

um dos legados das culturas usuárias de Ayahuasca é um grande repositório de ícaros, ou canções mágicas” (MCKENNA, 1995, p. 289).

Essa herança das canções mágicas foi passada para o Mestre Irineu, sendo traduzida na forma de “hinos”, que são cantados no Santo Daime. Em uma miração ele teria “... recebido ordens de Nossa Senhora da conceição para que cantasse hinos, e assim ensinasse aos seus irmãos” (ABRAMOVITZ, 2003, p. 30).

Assim começou a receber hinos e formou o primeiro hinário, “*O Cruzeiro*” um marco no meio daimista em geral, transmitindo a base dos fundamentos daimistas. Estes hinos já eram uma Magia de Tradução, com elementos reformulados a partir do imaginário próprio desta comunidade, como o cristianismo, a “farda”, influência do exército.

Ao fundar a Barquinha, Mestre Daniel começou a receber “salmos” que “... eram considerados instruções provenientes de outros planos.” (SENNA ARAÚJO, 1999, p. 48). Estes salmos, mesmo sendo diferentes na forma e estrutura, têm um papel bem semelhante aos hinos do Santo daime. Em ambos os casos os adeptos acreditam se tratar de cânticos recebidos do Astral.

A Barquinha se destacou também por trabalhar com outra linha de música mágica: os “pontos cantados” de Umbanda. Tanto os salmos quanto os “pontos” são músicas mágicas, de efeitos ocultos, mas trabalham em campos mágicos diferentes, com funções próprias.

Estas são as duas principais formas de música mágica encontradas na Barquinha, além de alguns outros cânticos, como de St. Germain e Baião de Princesas.

9.1.1 – Salmos

Os salmos são cantados durante o ritual de Concentração por todos os participantes – o que intensifica uma sensação de unidade - com o acompanhamento de instrumentos melódicos. Na Barquinha de Magé são

utilizados um violão e um teclado, e na Barquinha de Niterói, apenas um violão. Não há o uso de instrumentos percussivos, nem o maracá, comumente encontrado em trabalhos daimistas. Ao contrário dos hinos do Santo Daime, cantados em uníssono, os salmos seguem uma estrutura de ponto e contraponto, ou seja, uma parte cantada apenas pelo dirigente do trabalho (solo) e outra parte, normalmente o refrão, cantada por todos (coro).

Os salmos têm diversas funções no trabalho, desde as mais gerais até as mais específicas. Alguns salmos são para dar “firmeza” no trabalho, outros são para dar “reforço”, ou então “cura”.

Uma das características mais importantes dos salmos, é que através deles são transmitidos os fundamentos da doutrina. Não há um livro com as diretrizes da Barquinha, os participantes aprendem sobre ela ouvindo os salmos.

Estes salmos atuam profundamente, pois suas letras trabalham símbolos e “questões-chave” da humanidade, como o pai, a mãe, o amor, o perdão. Esse aspecto faz com que os salmos desempenhem a função de mito, uma forma de “música-mito”. Para Campbell, os mitos são histórias que conduzem à uma consciência espiritual, “metáforas” da potência espiritual do ser humano, história que harmonizam o ser –e a comunidade- com o universo.

Campbell aponta como estes temas eram manipulados por xamãs através da poesia, pois a poesia toca a sensibilidade, “atinge a realidade invisível” (Campbell).

Estes temas universais e arquétipos foram adaptados para o imaginário da Barquinha, com a “Magia de Tradução”, sendo traduzidos em salmos com letras sobre viagens num barco, batalhas, história dos santos, etc...

Cada salmo trabalha determinadas questões, sendo que o conjunto de todos os salmos compõem uma forma de “mapa” das grandes questões humanas. Um mapa oculto no ser humano que direciona o aprendizado espiritual. Muitas destas questões são universais, sendo que a “Magia de Tradução” apenas reformula esse mapa de acordo com o imaginário local

para facilitar o entendimento. Questões como a “morte”, a “mãe”, o “herói”, são consideradas questões-chave também na psicologia para a compreensão do ser humano, como pode ser visto em Campbell.

Os salmos também têm uma grande função pedagógica e ética, pois são ensinamentos, capazes de transformar a postura do homem perante a vida e a coletividade. Além disso, estes cânticos tem um forte sentido de “louvor”, de adoração a diversos santos, seres divinos, narrativas bíblicas.

Para que tenha sua eficácia mágica, os salmos devem ser cantados da maneira mais fiel possível ao modo como foram recebidos. Deve-se “segurar a melodia”, ou seja, não improvisar muito. Quando acontece o contrário, e as músicas são mal executadas, o trabalho fica desorganizado e enfraquecido.

9.1.2 – Pontos cantados

Os “pontos cantados” são cânticos mágicos característicos da Umbanda e de muitos rituais afro-brasileiros. São músicas com mensagens simples, ensinamentos, e que despertam a fé. Também formam um sistema oculto, de ação mágica, movimentando forças sutis e atraindo determinadas entidades.

Os pontos são executados no trabalho do terreiro, em dias de festa, e são cantados por todos os participantes em uníssono. O acompanhamento é feito por atabaques, violões e palmas.

Quando as entidades ensinam estas preces cantadas, se diz que o ponto é de “raiz”, pois também existem “pontos” que são escritos por umbandistas. Essa distinção é importante pois estes últimos não tem a mesma força que os pontos de raiz, não são feitos por uma entidade como um preto-velho, um mago do Astral que sabe como manipular a magia do som.

Quando bem executados são grandes técnicas mágicas, que elevam a vibração do trabalho, “chamando” e facilitando o contato com as entidades.

Na Barquinha, são cantados pontos das entidades atuantes na casa: encantos, pretos-velhos, caboclos e crianças. Alguns exemplos:

Pontos de Encanto:

Princesa das Limeiras

Hoje eu venho tão alegre
Aos meus irmãos eu venho visitar
Sou Princesa das Limeiras
Lá das Matas Imperiais
Eu moro muito distante
Aos meus irmãos eu vou cantar
A distância é tão grande
Que é difícil meus irmãos ir lá
Tem que passar limoeiros
Tem que passar laranjais
Tem que passar um pereiro
E outras matas que tem por lá
Depois passar um riacho
Depois passa paredais
Lá no alto bem distante
É o Reino de Limeira
O meu Pai ele é um rei
Que não gosta de falar
O Império é tão grande
Que a coroa não quer usar

Mas hoje com alegria
Com um Príncipe foi me buscar
Ele colocou a coroa
E com o Príncipe foi falar
E hoje com alegria
Foi um Príncipe me buscar
É Príncipe Encantado
O Espadarte do Mar

Princesa Primavera

Sou Princesa Primavera
Minhas flores vim ofertar
Com as águas do inverno
Ceifo o céu a terra e o mar
Elas eu zelo com carinho
Com amor e perfeição
Meus irmãos recebam as flores
Vós guardais no coração
A força da minha mãe
Balança o céu a terra e o mar
Transporta nuvens, balança as folhas
E sacode as águas do mar
A força do meu Pai
Da trovoada e faz chover
Com uma espada empunho a mão
Faz a terra estremecer
Do Império de Ugam
O meu ponto eu vim firmar

Eu sou filha de Iansã
E Ogum Beira Mar
Salve esta Santa Casinha
Salve a todos meus irmãos
Salve a força do Terreiro
Que abençoa os meus irmãos

Ponto de preto-velho:

Vovó Jandira

Lá no pé do Santo Cruzeiro
Uma velhinha estava a rezar
Pedia bonança pros filhos
Salvação e um bom lugar
Saravá, Vovó Jandira
Saravá, Saravá, Saravá
Preta Velha de Umbanda
Ela sabe trabalhar

Pai José

Quem quiser ver que veja, auê
Quem quiser ver que veja, auá
Eu é preto feiticeiro
Eu chegou pra trabalhar
Eu é preto de Angola
O meu pai e da Guiné

Minha mãe de Carangola

Eu me chamo é Pai José

Ponto de Caboclo:

Caboclos da Jurema (chamada)

Arreia arreia arreia

Arreia que eu quero ver

Os caboclos da Jurema

No terreiro vão descer

Arreia arreia arreia

Arreia que eu quero ver

Oxalá foi quem deu ordem

Oxossi foi que veio trazer

É o Caboclo Jacaúna

E o Caboclo Jaraguá

Junto ao Caboclo Roxo

E o Rei Tupinambá

É o Caboclo Sete Flechas

E o Caboclo Boiadeiro

Junto ao seu Índio Rei

E o Índio Jangadeiro

É o Caboclo Ubirajara

E o Caboclo Guarací

Junto ao seu Pena Verde

E o Caboclo Tupi

9.2 – Magia de Tradução na música – “Recebimento” da Música Mágica

9.2.1 – “Recebimento” dos Salmos

Para os adeptos da Barquinha, os salmos são “recebidos” do Astral durante a viagem extática com o daime. São ensinamentos em forma de música que são dados pelo Astral. Sendo assim, não há uma composição propriamente dita, e sim um “recebimento”. Este mesmo processo acontece na doutrina do Santo Daime, com o recebimento de hinos do Astral.

Estes Salmos trazem grandes ensinamentos universais, mas que são reelaborados para o imaginário local da comunidade e seus símbolos próprios. Mais até, também utiliza elementos do imaginário individual do “recedor de salmos”, sua história de vida, o que de acordo com a psicologia é a “mitologia” própria do sujeito.

Abramovitz (2003) analisa esta questão nos hinos do Santo Daime, ao propor a hipótese das “biografias musicais”, uma vez que o recebedor vai deixando sua trajetória de vida registrada nestas músicas. Essa mesma idéia pode ser ampliada para os salmos da Barquinha, que também registram elementos do imaginário individual do recebedor.

Mas se o salmo é “recebido” do Astral, não seria contraditório que falasse de experiências pessoais do recebedor, ou da comunidade?

Essa é justamente a essência do que estamos caracterizando aqui neste trabalho como “Magia de Tradução”, só que neste caso, aplicada à música. É uma síntese Astral, altamente elaborada, que reformula mensagens universais

e divinas, a partir do imaginário simbólico local, mais ainda, do próprio imaginário pessoal do receptor. Ocorre uma fusão entre observador e observado, uma mistura das pessoas do discurso (eu,ele,nós), onde o salmo parece ora dá voz ao receptor, ora dá voz ao Astral.

Neste caso, pode-se dizer que o “recebimento” de salmos é uma forma direta de Magia de Tradução, pois ela é recebida de forma direta através de viagens extáticas com o daime.

“Eu peço a todos os meus irmão
Pra se afirmarem no santo amor...”

Neste trecho de um salmo, podemos observar essa fusão mágica logo no primeiro verso, ao se examinar o sujeito dessa ação, quem é que pede aos irmãos? Por um lado o Astral, mas ao mesmo tempo é também o receptor de hinos. Também fala por todos, por “nós”, pois todos os freqüentadores cantam esse salmo na primeira pessoa.

“Quem me trouxe esse lindo salmo
Foi nossa senhora da Paz
Para eu cantar com os meus irmãos
Louvando a Deus e nossa senhora da Paz”

Neste outro trecho, o interlocutor esclarece que o salmo foi “dado” por Nossa Senhora da Paz . Mesmo assim, no 3º verso vemos o pronome “eu”. Se o salmo não é composto, e foi entregue por Nossa Senhora, seria paradoxal falar em primeira pessoa. Afinal, a quem se refere esse “eu”?

O que ocorre é uma mistura de discursos, uma síntese na qual quem fala no salmo é Nossa Senhora da Paz, ao mesmo tempo o receptor, e ao mesmo tempo todos “nós”. Esse efeito é bastante característico da experiência com o daime, de fusão do “eu” com o “todo” (nós).

Outro exemplo da “Magia de Tradução” pode ser vista em salmos que fazem referência à imagens mais modernas e urbanas, como o “advogado” e o “policial”. É uma forma de Magia de Tradução na medida em que traduz conceitos como a Justiça, a Verdade, o Bem, em figuras simples do imaginário popular: o advogado e o Policial.

“Chegou um policial
E cem mil e dez cachorros
Deus do céu foi quem mandou
Junto com as forças armadas
Pra levar os inimigos
Pras ondas do mar sagrado”

9.2.2 – “Recebimento” dos Pontos Cantados

Os “pontos cantados” têm uma forma de recebimento totalmente diferente. Eles são ensinados pelas entidades, quando estão incorporadas nos médiuns. Sendo assim, pode-se dizer que é uma forma de Magia de Tradução “indireta”, pois os pontos não são recebidos diretamente do Astral durante o êxtase, mas sim de uma forma indireta, através das entidades.

Mesmo assim, é uma forma de “Magia de Tradução”, pois os pontos cantados são cantos mágicos formulados a partir de vários elementos do imaginário popular, figuras do folclore, o preto-velho, a senzala, o cachimbo, etc...

9.3 - Estrutura e dinâmica da Música Mágica

A música tem uma função indispensável no trabalho da Barquinha, sendo que em todos os rituais há execução de músicas. No Santo Daime, durante a concentração, há uma pausa na execução musical, e é feita uma concentração em silêncio. O trabalho da Barquinha, ao contrário, é todo realizado com músicas, sem meditações em silêncio

Durante o ritual de Concentração, os músicos tocam seus instrumentos sentados. No trabalho realizado no terreiro, existe uma área determinada para os músicos, com alguns banquinhos para se sentarem, sendo que alguns ficam de pé. Há o acompanhamento do violão e também de instrumentos de percussão, como atabaques e tambores. Tanto na Concentração como no terreiro, são utilizados também microfones e amplificadores para os instrumentos.

Nos trabalhos observa-se claramente como as músicas estabelecem o “tempo ritual”. Ao se iniciar um trabalho, o tempo marcado pelo relógio se dilui, e o tempo passa a ser quantificado pelas músicas. Podemos ver um exemplo dessa diluição do tempo “tradicional” no fato de que as partes do trabalho muitas vezes são divididas com base em um determinado grupo de músicas.

Entre a execução de uma música e outra sempre há uma rápida pausa, mas que também é ressaltada na experiência do daime, um jogo entre som e silêncio. Se a música tem toda uma estrutura de suporte, essa estrutura se rompe nas pausas abrindo verdadeiros “buracos” no som. Esse jogo entre a

execução de músicas e “pausas” musicais, acaba transformando o “tempo ritual” em uma espécie de partitura que “rege” o trabalho.

Não há uma clara distinção entre músicos e platéia, pois todos os presentes participam da execução musical, tocando ou cantando. Desse modo, a bebida potencializa o sentimento de união e unidade.

Durante o trabalho de concentração, deve-se procurar fazer silêncio físico (cantar mas evitar fazer barulhos, ficar levantando da cadeira) mas por outro lado deve-se procurar também um silêncio mental (calar os pensamentos).

Pode parecer estranho buscar um estado de silêncio interior por meio da música, mas a música mágica tem características especiais, manipulando ritmos e melodias repetitivas, monta uma ‘estrutura’ que propicia a meditação e o transe. Assim, a música quebra a linearidade espaço-temporal, inaugurando um tempo mítico.

As músicas também abafam os pequenos ruídos, como algumas pessoas que choram ou então de barulhos de alguém que esteja passando mal.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi compreender o campo mágico da Barquinha, uma doutrina baseada no uso da Ayahuasca. Conforme visto, esse campo é formado a partir da influência de diversas vertentes religiosas, como o próprio daime, o espiritismo, o esoterismo e a Umbanda entre outras.

Uma de suas maiores características, e que mais a diferencia das outras religiões “tradicionais” da Ayahuasca, é a sua ligação com a Umbanda. A união destes dois sistemas abre todo um rico universo mágico, integrando harmonicamente as práticas umbandistas e daimistas.

Apontei, durante essa pesquisa, que essa “harmonização” não aconteceu por acaso, estando ligada antes de tudo, a ação do enteógeno. O daime é um poderoso gerador de mitos, e que dá conta da grande dinâmica cultural, com uma rápida inserção de novos símbolos. Foi através de experiências extáticas que Daniel Pereira Mattos teve a revelação da “Barquinha”. Uma doutrina representada através de uma metáfora: uma barca que navega em direção à Jesus, enfrentando tormentas e resgatando irmãos no mar. É um símbolo de grande força no inconsciente humano, estando presentes nas mais diversas culturas, em lendas sobre dilúvios.

O enteógeno tem a interessante característica de formular “respostas” para um universo local. Ele tem uma incrível capacidade de se adaptar a qualquer ambiente cultural. No caso da Barquinha o daime gerou um mito poderoso que deu unidade e coesão às diversas correntes que ali convergiam.

Essa solução “recebida” é que costurou diferentes correntes da magia em um todo significativo. Construiu uma identidade cultural integrando o daime, a Umbanda e um imaginário ligado ao mar. Busquei apontar no trabalho, que se o daime é o grande agente nessa construção mágica, o imaginário é também uma peça fundamental nesse processo.

Esse processo mágico, de manipulação do imaginário, quase um jogo lúdico, foi uma das principais questões desse estudo (“Magia de Tradução”). Esta se mostra presente nos mais diversos momentos: na construção cosmológica da doutrina; nas “mirações”; no “recebimento” dos salmos e “pontos” cantados; e na identidade imagética das entidades.

O sistema mágico relativo ao trabalho com o daime já é, por si só, bastante complexo. É uma herança do xamanismo e do êxtase provocado pela Ayahuasca. Assim, permite a entrada em áreas inacessíveis do cosmo, através de viagens astrais. Como “cipó das almas”, facilita a comunicação com o mundo dos mortos, sendo também um instrumento para o mediunismo. Sua ação coloca em xeque o próprio conceito de “experiência psicodélica”, de profundos questionamentos acerca do espaço-tempo, unidade, cosmos. É também um poderoso indutor de visões significativas do ser, um instrumento mágico de auto-conhecimento

Já a Umbanda trabalha a magia em outros aspectos: consultas à entidades do Astral; passes; “banhos” de ervas; desenvolvimento mediúnico. Alguns estudos como os da chamada “Umbanda Esotérica” auxiliaram a compreender essa manipulação mágica do imaginário. Eles mostram como as identidades de preto-velho e caboclo também são “moldadas” pelo Astral para melhor aceitação dos consulentes, de acordo com suas referências culturais.

Por fim, este trabalho buscou analisar o que seria a “Magia de Tradução”: um processo mágico capaz de manipular o imaginário cultural. Ao longo da história, muitos estudiosos tomaram, erroneamente, os mitos e a cultura como uma bagagem estática, algo “pronto”. Este é um engano que

fica latente no caso do “daimismo”. Ele trabalha com um sistema dinâmico, que está a todo momento se reinventando, os mitos estão o tempo todo sendo gerados, reproduzidos e re-inventados tal como é a cultura e o próprio inconsciente humano.

Bibliografia

ABRAMOVITZ, R. S. de Moraes. “Música e Miração: uma análise etnomusicológica dos hinos do Santo Daime”, Dissertação de Mestrado em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, Rio de Janeiro, 2003.

ALVERGA, A. Polari de. “O livro das Mirações”, Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. “O Guia da Floresta”, Rio de Janeiro: Record, 1992.

ANDRADE, Hernani de. “São Cipriano, o Bruxo”, Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

ARAÚJO, W. Sena. “Navegando sobre as ondas do Daime: História, cosmologia e ritual da Barquinha”, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

AZEVEDO, A. C. do Amaral. “Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos”, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.

BARCELLOS, M. Cesar. “Os Orixás e a personalidade humana”, Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

BARRETT, Francis. “Magus: Tratado Completo de Alquimia e Filosofia Oculta”, São Paulo: Mercuryo, 1994.

BETHENCOURT, Francisco. “O imaginário da Magia: Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no Século XVI”, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BIRMAN, Patrícia. “Laços que nos unem: ritual, família e poder na umbanda”, s.d., no prelo.

BITTENCOURT, J. Maria. “No Reino dos Pretos-Velhos”, Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

CAMARGO, M. T. Lemos de Arruda. “Plantas Medicinais e de Rituais Afro-Brasileiros II: Estudo Etnofarmacobotânico”, São Paulo: Ícone, 1998.

COELHO, Teixeira. “Dicionário Crítico de Política Cultural”, São Paulo: Iluminuras, 1999.

ELIADE, Mircea. “O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase”, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EVANS-PRITCHARD, E. E. “Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERAUDY, Roger. “Umbanda, essa Desconhecida: Umbanda esotérica e cerimonial”, Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2004.

FRANCO JUNIOR, Hilário. “A Idade Média: Nascimento do Oriente”, São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001.

FRAZER, James. “O Ramo de Ouro”. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRÓES, Vera. “Santo Daime: Cultura Amazônica”, Manaus: SUFRAMA, 1986.

GINZBURG, Carlo. “História Noturna: Decifrando o Sabá”, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GROISMAN, Alberto. “Eu Venho da Floresta: Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime”, Florianópolis: Editora UFSC, 1999.

HALL, Stuart. Identidade cultural na pos-modernidade. trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KARDEC, Allan. “O Livro dos Espíritos”, Rio de Janeiro: Editora Nova Letra, 76ª Ed., 1995.

LABATE, Beatriz C. “A reinvenção do uso da Ayahuasca nos centros urbanos”. Campinas, SP: no prelo, 2000.

LEWIS, Ioan M. “Êxtase religioso: um estado antropológico da possessão por espírito e do xamanismo”. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “O Feiticeiro e sua magia” e “A eficácia simbólica”. In: *Antropologia estrutural I*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Os cogumelos na Cultura; a propósito de um livro de R. G. Wasson”. In: _____ .*Antropologia Estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LIPIANI, J. Luiz. “Orixás: comportamento e personalidade de seus filhos”, Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

McINTOSH, Chistopher. “A Rosa e a Cruz: História, Mitologia e rituais das ordens esotéricas”, Rio de Janeiro: Record, 2001.

McKENNA, Terence. “O Alimento dos Deuses”, Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. “O retorno à cultura arcaica”, Rio de Janeiro: Record, 1995.

MERCANTE, M. S. “Ecletismo, caridade e cura na Barquinha da Madrinha Chica”. *Humanitas*, Belém, PA, v. 18, n. 2, p. 47-60, 2002.

MOTA, C. Novaes da. e ALBUQUERQUE, U. Paulino de. (org.). “As muitas fazes da Jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena”, Recife: Bagaço, 2002.

NETO, F. Rivas. “Umbanda a Proto-Sítese Cósmica: Epistemologia, Ética e Método da Escola de Síntese”, São Paulo: Editora Pensamento, 2002.

PEIXOTO, Norberto. “Evolução no Planeta Azul”, obra psicografada (Ramatis), Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2003.

SARACENI, Rubens. “Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada”, São Paulo: Madras, 2003.

SCOTT-ELLIOT, W. “Lendas da Atlântida e Lemúria”, São Paulo: Madras, 2002.

SHURÉ, Édouard. “Os Grandes Iniciados”, São Paulo: Madras, 2003.

VILLOLDO, Alberto e JENDRESEN, Erik. “Os Quatro Ventos: A odisséia de um xamã na floresta amazônica”, São Paulo: Ágora, 1997.

XAVIER, C. Francisco. “Nosso Lar”, (obra psicografada – André Luís), Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1944.

